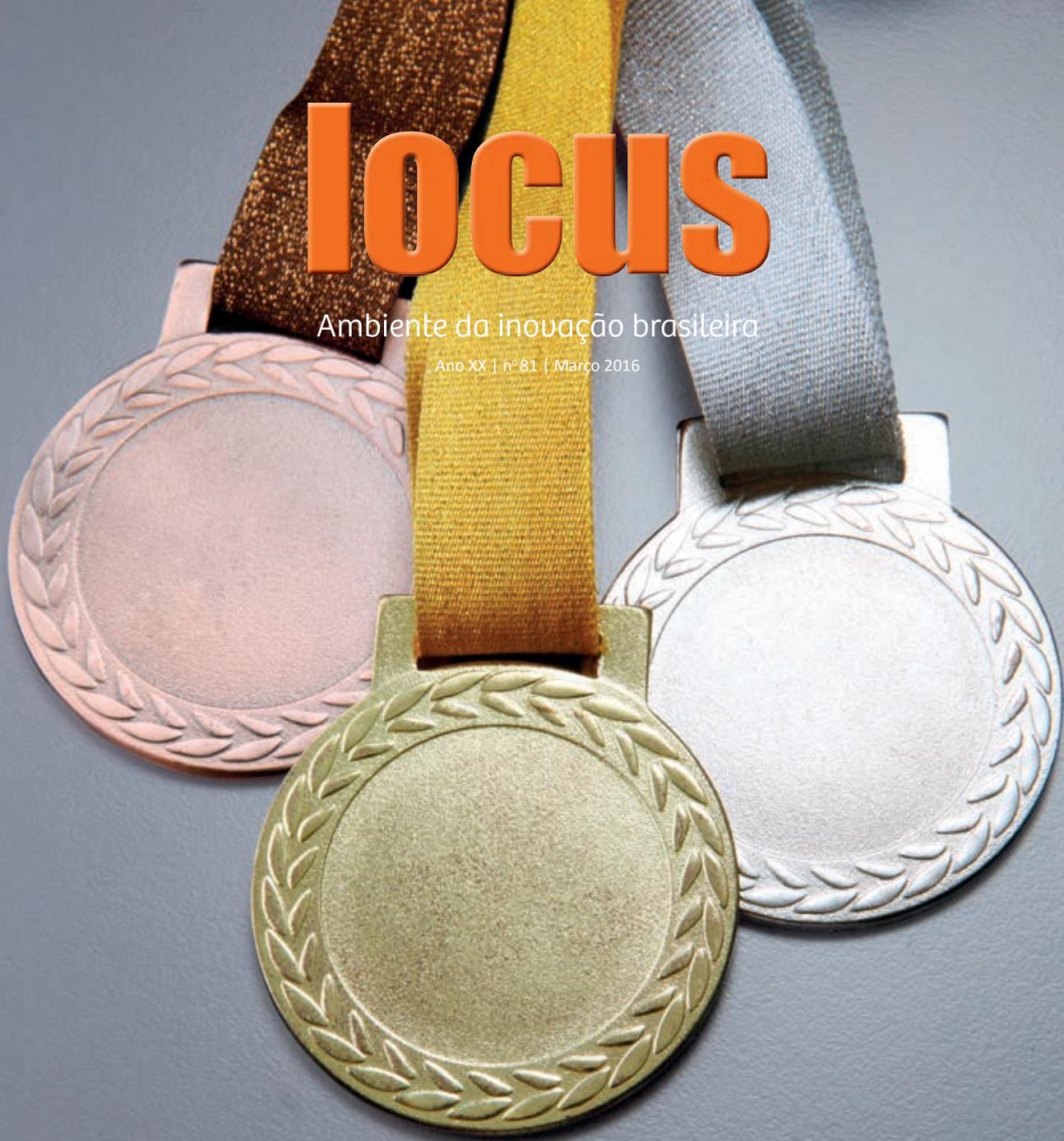


Iocus

Ambiente da inovação brasileira

Ano XX | nº 81 | Março 2016



OS CAMPEÕES DO MOVIMENTO

Conheça os segredos de empreendedores e ambientes de inovação que fazem a diferença e impulsionam o desenvolvimento

:: *Maurício Guedes:
desafios e conquistas
de um pioneiro*

:: *Os entraves causados
pelos vetos ao marco
legal de CT&I*

:: *Ambientes de inovação
remodelam espaços para
atender empreendedores*



COMO INOVAR?



FORNECEDORES?



CONCORRÊNCIA?

O portal de educação a distância do Sebrae inovou.

Agora com cursos durante o ano inteiro, vagas ilimitadas e início imediato. E ainda oferece tutores para esclarecer suas dúvidas. Tudo prático, interativo e o melhor: gratuito.

Clique, aprenda e empreenda.



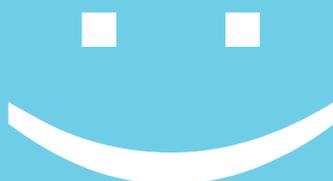
Portal de Educação a Distância do Sebrae.

Empreendedorismo a qualquer hora e em qualquer lugar.

Vagas ilimitadas. Início imediato.



CALMA.



ACESSE O PORTAL
DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
DO SEBRAE.



E O MELHOR DE TUDO:
É GRÁTIS.

LOCUS

Ambiente da inovação brasileira

Ano XX - Março 2016 - nº 81 - ISSN 1980-3842

A revista Locus é uma publicação da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec)

Conselho Editorial

Luis Afonso Bermúdez (presidente)
Antônio Abelem
Socorro Ribeiro
Wilson Luconi
Vanessa Rasoto

Coordenação

Débora Horn

Edição e reportagem

Andréia Seganfredo, Cora Dias e Débora Horn
Colaboração: Bianca Bertoli e Gisele Flóres

Jornalista responsável

Débora Horn
MTb/SC 02714 JP

Direção e edição de arte

João Henrique Moço

Revisão

Sérgio Ribeiro

Foto da capa

Shutterstock

relata
editorial

Produção

Impressão

Inove Gráfica e Editora

Tiragem

2.500 exemplares



ANPROTEC

Presidente

Jorge Luis Nicolas Audy

Vice-presidente

José Alberto Sampaio Aranha

Diretoria

Francisco Saboya, Renato de Aquino Nunes,
Sérgio Risola e Tony Chierighini

Superintendência

Sheila Oliveira Pires

Endereço

SCN, quadra 1, bloco C,
Ed. Brasília Trade Center, salas 209/211
Brasília/DF - CEP 70711-902

Telefone: (61) 3202-1555

E-mail: revistalocus@anprotec.org.br

Website: www.anprotec.org.br

Anúncios: (61) 3202-1555

Apoio



Em meio às turbulências econômicas e políticas que o país atravessa, o Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (SNCTI) tem conseguido, ainda que com alguns sobressaltos, avançar e colher bons resultados. Apesar do contingenciamento de recursos e da descontinuidade de investimentos em programas voltados ao setor, o ano de 2016 começou com o lançamento de novos editais de pesquisa e inovação, e programas de aceleração para obtenção de patentes no Brasil e no exterior. Ainda que os valores estejam aquém do esperado, demonstram o esforço governamental ao tratar de um tema tão estratégico ao desenvolvimento do país.

Outra boa notícia neste começo de ano, mas que deve ser comemorada com cautela, foi a sanção do marco legal de CT&I, uma demanda histórica de nosso movimento e demais atores do SNCTI. O novo marco regulatório trouxe avanços importantes, como a ampliação das parcerias público-privadas e das relações entre as universidades e centros de pesquisa com o setor produtivo. Porém, os oito vetos apresentados ao texto limitam nossa conquista e, em alguns casos, inviabilizam dispositivos já previstos na legislação brasileira. Por isso, é necessário que continuemos engajados com as demais entidades representativas do setor a fim de garantir resultados transformadores para o SNCTI.

Nossa matéria de capa mostra a trajetória dos vencedores do Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador e ilustra a força e capacidade dos atores do nosso movimento: empreendedores e gestores de ambientes de inovação, que conquistaram resultados expressivos em suas regiões e áreas de atuação, com afinco e persistência. São histórias inspiradoras, que nos motivam a continuar apostando no potencial de parques tecnológicos e incubadoras de empresas e na promoção da cultura empreendedora.

É nesse contexto que abordamos, na matéria da seção Habitats, a criação de áreas de uso compartilhado nos ambientes de inovação, trazendo maior sinergia entre empreendedores, em sintonia com as tendências mundiais na concepção de espaços inovadores. Outra iniciativa que reflete o protagonismo de nosso movimento no Brasil é o Programa de Promoção da Economia Criativa, desenvolvido em parceria com a Samsung, aproximando grandes e pequenas empresas no desenvolvimento de soluções inovadoras. Exemplos como esses mostram nossa liderança no movimento e nos encorajam a trilhar um caminho ainda mais promissor, ainda que repleto de desafios.

Boa leitura!
Conselho Editorial



28 | ESPECIAL

Conheça os seis vencedores da 19ª edição do Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador, promovido pela Anprotec em parceria com o Sebrae. Empresas, incubadora e parque tecnológico contam um pouco da sua trajetória e destacam práticas fundamentais ao sucesso

6 | ENTREVISTA |

Maurício Guedes encerra seu ciclo de trabalho na Universidade Federal do Rio de Janeiro, depois de 30 anos dedicados ao movimento do empreendedorismo inovador brasileiro

11 | EM MOVIMENTO |

Saiba o que aconteceu na 25ª Conferência Anprotec, além das novidades dos ambientes de inovação e dos parceiros do movimento

20 | CENÁRIO |

Entidades ligadas a ciência, tecnologia e inovação no Brasil organizam-se para mobilizar parlamentares a derrubarem os oito vetos presidenciais ao marco legal de CT&I

24 | PARCERIA |

Anprotec e Samsung iniciam as atividades do Programa de Promoção da Economia Criativa, após selecionar oito startups e cinco incubadoras para os processos de capacitação e mentoria

42 | INVESTIMENTO |

Apesar da crise, governo federal reforça investimentos em CT&I e lança novos editais de pesquisa e programas de aceleração para obtenção de patentes no Brasil e no exterior

45 | HABITATS |

Incubadoras de empresas estão remodelando seus espaços e adotando modelos usados por Google e Facebook, que conciliam lazer e trabalho em áreas de uso compartilhado



A pós mais de 30 anos dedicados à consolidação do movimento de empreendedorismo inovador no Brasil, Mauricio Guedes encerra seu ciclo de trabalho na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com uma trajetória marcada pelo pioneirismo, Guedes foi um dos coordenadores do projeto que culminaria na criação da Anprotec e esteve à frente da implantação de dois ambientes de inovação de referência no Brasil: a incubadora de empresas da Coppe/UFRJ e o Parque Tecnológico da UFRJ. Presidente da Anprotec entre 1995 e 1999, Guedes deixou o Conselho Consultivo da Associação no último ano. Em âmbito mundial, presidiu a Associação Internacional de Parques Tecnológicos e Áreas de Inovação (IASP) de 2010 a 2012.

LOCUS > Qual foi a motivação para o início do movimento do empreendedorismo inovador no Brasil, do qual você participou?

Maurício Guedes > Esse movimento sempre deve render homenagens ao professor Lynaldo Cavalcanti, que foi presidente do CNPq no início dos anos 1980 e criou uma iniciativa com o nome de “Programa de parques tecnológicos”. O propósito era criar alguns ambientes especiais para a inovação no Brasil e, por isso, o programa apoiou seis projetos, dos quais sobreviveram três: em São Carlos (SP), Campina Grande (PB) e no Rio de Janeiro, o Bio-Rio. Nesse mesmo momento, outras iniciativas isoladas começaram a surgir no país, e a Coppe, em conjunto com a USP [Universidade de São Paulo], foi contratada pela Finep para conduzir um estudo que mapeasse essas iniciativas no Brasil e em outros países latino-americanos. O trabalho na USP foi coordenado pelo professor Silvio Aparecido do Santos, e nós mapeamos 13 iniciativas que estavam acontecendo em meados da década de 1980 aqui no Brasil. Esse projeto previa que, em sua conclusão, fosse realizado um seminário, organizado no BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social], no início de dezembro de 1987. Graças a essa iniciativa, nós nos conhecemos e surgiu a ideia de se constituir uma associação. A criação da Anprotec aconteceu na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, e a Coppe foi uma das entidades instituidoras da associação. Até então, nós não possuíamos uma incubadora de empresas e não fazíamos parte do programa do CNPq, mas éramos estudiosos do assunto e tínhamos uma trajetória muito antiga de relacionamento entre a universidade e as empresas. O coordenador original do projeto na Coppe era o professor Flavio Grynspan, que se desligou da instituição no meio do projeto. Então eu, com cerca de 30 anos, assumi a coordenação do projeto e dessa conferência, que reuniu 400 pessoas e se chamou Seminário Internacional de Parques Tecnológicos.

“HAVIA UMA RESISTÊNCIA E UMA REJEIÇÃO DE VÁRIOS SEGMENTOS EM RELAÇÃO À CONVIVÊNCIA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA COM EMPRESAS. O PROCESSO PARA CRIAÇÃO DA INCUBADORA DE EMPRESAS DA COPPE TRAMITOU DURANTE INACREDITÁVEIS OITO ANOS NA UNIVERSIDADE.”

E qual foi o passo seguinte, na sua trajetória, em relação à evolução desse movimento?

O passo seguinte foi a criação da incubadora de empresas da Coppe, que ocorreu em 1994, depois de uma longa batalha. Na década de 1980, ainda estávamos sob um regime militar e esse fato contaminava muito a cultura do ambiente universitário. Havia uma resistência e uma rejeição de vários segmentos em relação à convivência da universidade pública com empresas. O processo para criação da incubadora de empresas da Coppe tramitou durante inacreditáveis oito anos na universidade, mas nós iniciamos a operação da incubadora antes mesmo de o Conselho Universitário autorizar o uso de uma parte do terreno da universidade para a construção do prédio. Fizemos um convênio com a prefeitura do Rio para a construção do prédio e quando a obra estava quase concluída ainda faltava a autorização do Conselho para a criação da incubadora. Lembro que fui falar com o reitor e disse: “A obra está ficando pronta, e o prefeito vai querer inaugurar. Então seria bom a gente acelerar essa discussão: ou

o Conselho Universitário autoriza a inauguração, ou diz que não quer a incubadora e nós vamos pedir desculpas ao prefeito e negociar uma outra destinação para esse prédio”. No dia da votação no Conselho, o presidente da Associação dos Docentes da UFRJ, que estava sentado ao meu lado, pediu a palavra e fez o seguinte discurso: “Faço aqui um apelo a todos os docentes, que digam um sonoro ‘não’ a esse projeto danoso à universidade pública brasileira”. Quando ele terminou de falar, o reitor autorizou a votação e a criação da incubadora de empresas foi aprovada por unanimidade. Eu jamais vou esquecer esse dia.

E com o Parque Tecnológico da UFRJ, inaugurado sete anos depois da incubadora, foram enfrentadas as mesmas dificuldades?

O parque também precisava da autorização do Conselho Universitário e houve dificuldades para a sua instalação. Esse campus [da Cidade Universitária da Ilha do Fundão/UFRJ] é do tamanho do bairro de Copacabana, e a construção do parque era uma decisão muito importante. Como já existia uma incubadora de empresas funcionando com sucesso, reconhecida por alguns segmentos da universidade, foi um pouco mais fácil. Em vez de a discussão demorar oito anos, levamos apenas quatro. Se a próxima decisão dessa natureza for tomada em dois anos, já está de bom tamanho [risos].

“QUANDO A GENTE FALA EM EMPREENDEDORISMO, A MUDANÇA É A REGRA. EXISTE UM MODISMO EXAGERADO: ‘AH, AS INCUBADORAS JÁ PASSARAM. AGORA É A VEZ DAS ACELERADORAS’. O IMPORTANTE É QUE EXISTAM INICIATIVAS QUE VISEM A APOIAR A ATITUDE EMPREENDEDORA.”

Como a sociedade em geral percebe hoje a questão do empreendedorismo e da transferência do conhecimento?

Sem dúvida nenhuma houve uma evolução. Não só as universidades, mas o jovem brasileiro mudou radicalmente a sua percepção sobre essa questão. Na minha geração, alguém que estudasse Engenharia não pensaria em abrir uma pequena empresa. Isso era quase vergonhoso. As opções dignas eram trabalhar em uma grande empresa, trabalhar para o governo ou ser professor universitário. Hoje, o jovem valoriza a criação de empresas, a sociedade percebe isso e a universidade está sendo conclamada pela sociedade a responder a esse desafio. É uma vergonha para o Brasil ser o 13º país no mundo em publicações científicas e, ao mesmo tempo, termos uma capacidade de inovação tão distante dessa posição. Temos pouquíssimos casos de sucesso com relevância global, mas temos uma experiência muito importante na área de incubadoras de empresas, que faz parte dessa mudança de cultura e foi, em boa parte, provocada pela ação do Sebrae, que mudou a percepção dos brasileiros em relação às pequenas empresas. Mesmo assim, o país não tem conseguido fazer essas pequenas empresas baseadas no conhecimento crescerem. Isso é um desafio que devemos enfrentar nos próximos anos: fazer com que não apenas sejam criadas empresas a partir da nossa atividade de pesquisa científica e tecnológica, mas que a sociedade encontre caminhos para fazer com que essas empresas cresçam.

O movimento está preparado para essa nova mentalidade do jovem brasileiro a que você se refere?

Quando a gente fala em empreendedorismo, a mudança é a regra. Existe um modismo exagerado: “Ah, as incubadoras já passaram. Agora é a vez das aceleradoras, daquilo, daquele outro”. Isso é uma bobagem porque o importante é que existam iniciativas que visem a apoiar essa atitude empreendedora, principalmente do jovem. Uma incubadora dos anos 2000 é diferente de uma incubadora dos anos 1980. Ela tem que ser também uma aceleradora, tem que se relacionar com os investidores, precisa se atualizar e se reinventar. Acredito que daqui a vinte anos, talvez a universidade no mundo seja algo completamente diferente do que é hoje. É muito provável que as aulas tenham outro conceito, que as universidades se transformem em espaços de convivência, de estímulo à mudança e à criação. E, nesse caso, as incubadoras serão elementos ainda mais importantes, com uma presença muito mais central nessa entidade chamada universidade.

Tendo em vista a sua experiência, o que você destacaria como as principais dificuldades para gestores de incubadoras e parques no Brasil?

Acho que ainda existe alguma resistência ideológica dentro das universidades públicas. É uma dificuldade cada vez menor, mas ainda está presente. A falta de recursos das próprias universidades também é outra dificuldade: não existe, em geral, uma carreira para gestores de incubadoras e parques. Os recursos alocados pelo Governo Federal, desde os anos 1980, são muito inferiores à demanda que existe no país, tanto para incubadoras quanto para parques. Precisamos também de uma melhoria no cenário legal. No caso de parques, por exemplo, até a aprovação do PLC 77 [Código de Ciência, Tecnologia e Inovação] não havia uma previsão legal de critérios para que uma instituição pública cedesse um terreno para uma empresa se instalar em um parque tecnológico. Essas entidades eram obrigadas a tratar a questão no âmbito da Lei nº 8666 [lei que institui normas para licitações e contratos da Administração Pública], que obrigava a universidade a fazer praticamente um leilão do terreno, o que não era uma maneira inteligente de escolher quem vai ocupá-lo. O critério não deveria ser o de quem está disposto a pagar mais, mas sim o de quem vai valorizar mais esse ambiente de inovação. O PLC 77 permitiu que as universidades definam esses critérios para a escolha das empresas. Outro desafio importantíssimo, por exemplo, é a possibilidade de utilizar o poder de compra do Estado para fazer as empresas crescerem. É inaceitável a dificuldade que uma empresa de base tecnológica, criada com investimentos feitos por universidades públicas, tem para vender para o Estado. Isso é um desperdício de recursos. Acredito que precisamos mudar a lógica dos órgãos de controle. Existe um controle estritamente formal de carimbos e recibos, que é mais simples de ser feito, mas que não coíbe o mau uso dos recursos. Precisávamos partir para outros tipos de controle. Acredito que isso não acontece, em boa parte, por falhas do Judiciário brasileiro. A sociedade não acredita que quem rouba será punido. Então, diante dessa falta de credibilidade, são exigidos carimbo e recibo, e o resultado do que estamos de fato esperando é esquecido.

Quais são os principais desafios para que um parque tecnológico, após a fase de implantação, obtenha sucesso?

Primeiramente, o parque deve ser uma realização da sociedade. Cerca de metade do Conselho Diretor do Parque Tecnológico da UFRJ é formada por representantes externos à universidade. O parque nasceu como uma iniciativa da UFRJ, pertence a ela, mas a universidade entende que ele deve ser construído em parceria com a sociedade. O parque foi percebido como tal pelas lideranças empresariais, pela

imprensa, pelo governo do estado e pela prefeitura do Rio. Ele é um ativo da cidade. Um outro desafio importante, e não simples, é a sustentabilidade. E, para que esse mesmo desafio seja vencido, é fundamental que não se caia na tentação de reduzir o parque a uma iniciativa imobiliária. O parque é também um empreendimento imobiliário, mas ele é um ambiente no qual entes e pessoas diferentes se encontram e podem construir algo em comum. É um ponto de encontro entre pesquisadores, professores, estudantes, empresários e dirigentes de grandes empresas em torno da ideia de pesquisa, desenvolvimento e inovação.

Quais vantagens o Brasil tem em relação a outros países do mundo quando pensamos em inovação?

O Brasil é um país em construção e, como tal, existem muitas coisas a serem feitas. Precisamos criar novas leis, mudar atitudes dos nossos órgãos de controle, mudar atitudes e percepção da sociedade com relação ao Judiciário – e todas essas necessidades de mudança são também oportunidades para se fazer coisas melhores. O Ciência Sem Fronteiras, por exemplo, é um programa com um bom conceito, embora seja possível perceber vários problemas na sua condução. Uma bela oportunidade seria criar meios de aproveitar o conhecimento desses jovens que foram para o exterior fazer mestrado e doutorado para que, ao retornarem ao Brasil, gerem emprego e renda. Seria um belo programa de governo apoiar o empreendedorismo entre esses jovens. Temos muitas qualidades da cultura brasileira, como a criatividade e a capacidade de improvisar, que durante muito tempo foi confundida com falta de profissionalismo. Essa qualidade tem que caminhar junto com o profissionalismo. No dia em que a sociedade conseguir juntar essas duas coisas, acho que vamos dar um passo importante.

“O DESAFIO MAIS IMPORTANTE É SUPERAR A DIFICULDADE PARA QUE AS EMPRESAS CRESCAM. ISSO TEM A VER COM A INDÚSTRIA DO CAPITAL DE RISCO, COM O USO DO PODER DE COMPRA DO ESTADO, COM A REVISÃO DA BUROCRACIA.”

O que você espera do futuro do empreendedorismo inovador no Brasil?

O desafio mais importante é superar a dificuldade para que as empresas cresçam. Isso tem a ver com a indústria do capital de risco, com o uso do poder de compra do Estado, com a revisão da burocracia. Estamos aprendendo a lidar com esse novo ser que são as empresas nascentes. Se eu pudesse provocar uma mudança, diria que o BNDES teria que passar a ser um ator fundamental nesse ambiente. Ele foi o órgão financiador da infraestrutura industrial brasileira durante décadas. Hoje a infraestrutura econômica inclui ambientes de inovação, e o órgão no Brasil que tem um volume de recursos compatível com essas demandas se chama BNDES. Por fim, acho que o empreendedorismo não é a solução para a crise, mas a crise vai passar. E essa trajetória, que eu percebo que evoluiu claramente nos últimos trinta anos, de valorização da cultura empreendedora, vai continuar daqui para a frente. 

Conferência enfatiza papel do empreendedor para transformar a economia



Márcio Oliveira

A superintendente executiva da Anprotec, Sheila Oliveira Pires, apresentou os destaques da programação do evento

Cidade-sede da 25ª Conferência Anprotec de Empreendedorismo e Ambientes de Inovação, Cuiabá foi palco do lançamento do primeiro parque tecnológico no estado de Mato Grosso (veja box na próxima página) e de um marco histórico do evento, que deixou de se chamar Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas.

“A estrutura da programação caracteriza uma conferência, e não mais um seminário. Além disso o evento já não está mais limitado à temática de incubadoras e parques tecnológicos, de modo que representa o movimento e todos os seus agentes e relações. Outro motivo é que o evento não se restringe mais a um encontro nacional, pois há muitos anos conta com participantes e convidados estrangeiros”, explicou a presidente da Anprotec, Francilene Garcia.

Com o tema “Ambientes de inovação mais sustentáveis: o empreendedor como protagonista da nova economia”, a Conferência teve uma programação diversificada, com dois workshops, cinco minicursos, seis sessões plenárias e oito sessões interativas. Considerado um dos maiores eventos de empreendedorismo inovador na América Latina, o encontro reuniu representantes de 17 países, como Luis Sanz (IASP), Josep Piqué (IASP e Rede de Parques Científicos e Tecnológicos da Catalunha), Sam Raymond (Banco Mundial) e Anna Nikina (Skolkolvo Technopark).

Na cerimônia de abertura, o governador de Mato Grosso, Pedro Taques, destacou a importância do conhecimento e da tecnologia para o progresso. “A ciência, o conhecimento e a tecnologia nos fazem chegar a lugares e a fazer coisas que nós mes-

mos não imaginamos. Precisamos de conhecimento, pesquisadores e tecnologia em Mato Grosso. Precisamos de vocês. Queremos mudar e fazer diferente”, enfatizou. Representantes das instituições organizadoras, dos governos estadual e federal e de entidades ligadas ao movimento também estiveram presentes.

A presidente da Anprotec, Francilene Garcia, também falou da relevância da capacitação das pessoas para que ajam como instrumentos de mudança. “O ser humano é o elemento central da transformação. Precisamos preparar melhor esse agente para que ele, além de sonhar, possa de fato ter empreendimentos mais bem-sucedidos. Mesmo em épocas de crises, podemos, com sinergia e de forma integrada, construir um movimento de empresas inovadoras menos vulneráveis a momentos como esse”, apontou.

O Secretário Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Armando Milioni, também citou a crise econômica do país em seu discurso. “Eu compreendo perfeitamente o momento delicado que vivemos, mas estou convencido de que ele é passageiro. Um evento dessa natureza é apenas mais uma demonstração da capacidade do país. Coleciono estatísticas que nos incentivam a compreender que o Brasil é capaz de superar as suas dificuldades com ações como as desenvolvidas pelas instituições organizadoras”, completou.

Heloísa Menezes, diretora técnica do Sebrae, instituição que realiza a

Conferência em conjunto com Anprotec, falou sobre a importância de ter ambientes capazes de gerar oportunidades empreendedoras, que além de trazer ganhos econômicos, também impulsionem impactos positivos para a sustentabilidade ambiental e social. “O tema do evento deste ano é extremamente atual, vai a fundo nos grandes desafios aos quais a sociedade e o país têm que responder. O Sebrae é parceiro da Anprotec desde o princípio e continuará se esforçando para promover esse tipo de discussão no movimento”, disse.

Durante os cinco dias do evento, os participantes foram incentivados a pensar em inovações que trouxessem não apenas ganhos econômicos e

produtivos, mas que fossem também ambientalmente e socialmente justas. Foi ainda destacado o papel dos empreendedores como protagonistas dessa mudança, atuando de forma articulada com ambientes de inovação e a sociedade, na busca por soluções e produtos capazes de aliar o avanço científico, o bem-estar humano e a conservação ambiental. “Transformar os ambientes de inovação, como incubadoras de empresas e parques tecnológicos, em plataformas de desenvolvimento sustentável e de mudança social consolida-se como uma importante bandeira da Anprotec para os tempos atuais e para o futuro”, salientou a presidente da Anprotec, Francilene Garcia.

ESTADO DE MATO GROSSO TERÁ PRIMEIRO PARQUE TECNOLÓGICO

Presente na cerimônia de abertura da 25ª Conferência Anprotec, o governador de Mato Grosso, Pedro Taques, anunciou a implementação do primeiro parque tecnológico do estado, a ser construído no município de Várzea Grande, em uma área de 80 hectares. O Parque Tecnológico Mato Grosso receberá investimentos de R\$ 100 milhões, oriundos do governo do estado, da iniciativa privada, de universidades locais e de órgãos de fomento à pesquisa.

Várzea Grande tem melhores possibilidades de receber o ambiente de inovação, na avaliação dos gestores públicos, porque também abrigará o campus da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), do Instituto Federal (IFMT) e da Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat). As três maiores instituições de ensino e pesquisa do estado estarão reunidas na região do Chapéu do Sol, que se transformará em um polo de desenvolvimento científico e tecnológico.

As áreas prioritárias do parque serão Biotecnologia, Cadeia do Agronegócio, Tecnologias da Informação e Comunicação, Geociências, Química Verde e Novos Materiais.



Fotos Márcio Oliveira

Na cerimônia de abertura, o governador Pedro Taques assinou o termo de doação do terreno onde será implantado o parque

Plenárias abordam temática central e apresentam exemplos de negócios

Trazendo debatedores de diversos países e de organizações ligadas ao empreendedorismo, as sessões plenárias abordaram a temática central do evento, mostrando exemplos de inovações e negócios economicamente viáveis e ambiental e socialmente justos. Dedicada a explorar o tema da Conferência, “Ambientes de inovação mais sustentáveis: o empreendedor como protagonista da nova economia”, a primeira plenária foi moderada pela presidente da Anprotec, Francilene Garcia, e teve dois palestrantes internacionais como convidados.

O pesquisador sênior do Instituto de Tecnologia de Israel, Shlomo Maital, participou por videoconferência e falou sobre as lições aprendidas pelo seu país em relação ao empreendedorismo inovador, começando pela necessidade de criação de um ecossistema vibrante. “É preciso ter boas escolas, um trânsito que flua, vida noturna, dinheiro para investimentos, além de habilidades e talentos com os quais você possa contar”, disse.

Já o vice-presidente de Estratégia Criativa do Centro de Economia Criativa e Inovação de Daegu (CCEI), Kyu-Hwang Yeon, iniciou sua participação esclarecendo o conceito de Economia Criativa sob a visão do governo da Coreia do Sul. “Trata-se do incentivo a ciência e tecnologia em indústrias convergentes, criando novos mercados, empresas e empregos. O governo central dá as direções gerais, o regional dá os suportes específicos e, por fim, as multinacionais compartilham conhecimento e dinheiro”, afirmou.



Debates abordaram negócios inovadores e sustentáveis, trazendo exemplos do Brasil e do mundo

A última palestrante da sessão foi a diretora técnica do Sebrae, Heloísa Menezes, que definiu a Nova Economia. “É um meio de fazer negócios baseado nas tendências de um mundo em transformação, onde há compartilhamento de valores e formação de lideranças com uma nova abordagem, representada pela junção entre o uso de tecnologias transformadoras, negócios conscientes e empoderamento das pessoas”, disse.

Inovação em parceria

Na segunda sessão plenária, o debate foi a aproximação entre grandes corporações e pequenas empresas para gerar inovação. A diretora de pesquisa e desenvolvimento da 3M do Brasil, Camila Durlacher, falou sobre a trajetória da empresa, que se tornou um exemplo de sucesso na geração de produtos e processos inovadores, e tem apostado cada vez mais em redes de colaboração para seguir inovando.



Última sessão plenária teve a participação de palestrantes da Rússia e da China, que abordaram os sistemas de inovação em cada país

do. Camila aproveitou a oportunidade para agradecer a parceria com a Anprotec, anunciando o lançamento de mais uma edição do Innovation Day (veja box abaixo).

O coordenador de Estratégia Tecnológica da Embraer, Fábio Kiyan, apresentou diversas ações executadas pela empresa para fomentar a inovação, como apoio ao governo na formulação de políticas públicas e do Fundo Setorial de Aeronáutica. Já o gerente de Pesquisa e Desenvolvimento da Samsung Brasil, Antônio Marcon, destacou a trajetória inovadora da empresa, segunda maior

depositante de patentes nos Estados Unidos. Marcon também elogiou a iniciativa da Anprotec em fomentar a aproximação entre empresas do movimento e grandes corporações, destacando o Programa de Promoção de Economia Criativa (veja página ao lado).

Sustentabilidade

O segundo dia de plenárias trouxe exemplos de negócios voltados para o desenvolvimento sustentável, no Brasil e no mundo, além dos principais destaques das apresentações dos trabalhos das sessões técnicas

paralelas, do Fórum Interativo e da Pitch Session, apresentados durante a quarta sessão.

Com o tema “A geração de negócios sociais como alavanca para o desenvolvimento sustentável”, a terceira plenária contou com palestrantes de diferentes organizações com foco em promoção e apoio a negócios de impacto, dentre eles: o cofundador e gestor da rede Yunus Negócios Sociais Brasil, Rogério Oliveira; o sócio e cofundador do fundo de investimentos Vox Capital,

Daniel Izzo, e o coordenador da área de Educação da Artemisia, Felipe Alves. Os convidados contaram como suas instituições ajudam a alavancar negócios de impacto social e mostraram cases de sucesso.

Exemplos bem-sucedidos também foram abordados na última sessão, “Sustentabilidade e empreendedorismo inovador nos BRICS – aprendizados, benchmarking e desafios”, com a presença de Anna Nikina, do parque russo Skolkolvo Technopark, e o chinês Jian Lin, gerente sênior do Tsinghua University Science Park.

INNOVATION DAY ANPROTEC & CONSECTI

Na sessão plenária que abordou a aproximação entre grandes corporações e pequenas empresas inovadoras, a diretora de Pesquisa e Desenvolvimento da 3M do Brasil, Camila Durlacher, lançou a chamada para mais uma edição do “Innovation Day Anprotec & Consecti”. Por meio dessa parceria, são selecionadas empresas vinculadas a ambientes de inovação associados à Anprotec, que apresentam seus processos e produtos inovadores à 3M, responsável por identificar iniciativas passíveis de apoio. Na primeira edição, realizada em 2014, oito empresas foram selecionadas e duas seguem cooperando com a multinacional.

Samsung, CCEI-Daegu e Anprotec lançam chamada para startups

Após a plenária de abertura da 25ª Conferência Anprotec, foi lançada a chamada para seleção de empresas interessadas em participar do Programa de Promoção da Economia Criativa, resultado de uma parceria firmada em abril de 2015, entre Anprotec, Samsung e o Centro de Economia Criativa e Inovação de Daegu (CCEI-Daegu), da Coreia do Sul. O objetivo do programa é identificar e oferecer suporte a novos projetos de empreendedorismo

em todo o país, nas áreas de educação digital, saúde digital, segurança da informação e mobilidade/soluções de convergência (telefones, tablets e wearables).

Na ocasião, também foram anunciadas as quatro incubadoras selecionadas para a versão-piloto do programa, onde as startups receberão apoio para dinamizar seus projetos: Incubadora Multissetorial de Empresas de Base Tecnológica e Inovação da PUCRS (Raiar); Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia (Cietec); Programa de Incubação de Empresas da Universidade Federal de Goiás (Proine/UFG) e Incubadora Tecnológica de Campina Grande (ITCG), da Paraíba. “Nosso objetivo com essa etapa do programa é fomentar o desenvolvimento de novas empresas que desejam criar mudanças positivas para a sociedade”, afirmou o gerente



Divulgação das incubadoras selecionadas para o programa ocorreu durante plenária especial

de Pesquisa e Desenvolvimento da Samsung Brasil, Antônio Marcon.

O processo de seleção das incubadoras foi resultado da primeira parte do acordo oficializado em setembro durante a Missão Técnica 2015/2, que teve como destino a Coreia do Sul. As quatro incubadoras selecionadas são de diferentes regiões do Brasil: Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Em dezembro, foi divulgada a selecionada na região Norte: a Incubadora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

As propostas apresentadas pelas startups foram avaliadas por uma banca especializada, formada por Samsung, Anprotec e pelas incubadoras selecionadas. Foram escolhidas oito startups, distribuídas entre as cinco regiões do país. “Essa é mais uma importante ação desenvolvida no âmbito da parceria, que permitirá impulsionar empreendimentos

inovadores de nosso movimento, também colaborando para consolidar o setor de economia criativa em nossos ambientes de inovação”, enfatiza Francilene.

“Como forma de incentivar cada vez mais os novos empreendedores, os projetos escolhidos receberão investimentos da ordem de R\$ 140 mil, além de infraestrutura física, metodologia de incubação e oportunidades de mentoria para os vencedores”, destaca Marcon da Samsung. As startups selecionadas receberão ainda treinamentos focados na criação de empreendimentos, inspirados no Modelo Coreano de Cultura de Economia Criativa, implantado na Coreia do Sul pelo CCEI. Os empreendedores serão encorajados a ousar e a avaliar os riscos dos projetos, pois as propostas de alto teor disruptivo e tecnológico poderão receber investimentos adicionais.

Fórum Sebrae de Inovação aborda negócios sociais e lança chamada para incubadoras



Fotos Márcio Oliveira
Superintendente executiva da Anprotec, Sheila Oliveira Pires, anuncia programa em parceria com o ICE

Com o tema “Sustentabilidade e impacto social como alavancas para a prosperidade”, a terceira edição do Fórum Sebrae de Inovação abriu as atividades do segundo dia Conferência Anprotec. Depois de uma visita ao Centro Sebrae de Sustentabilidade (CSS), os participantes do Fórum

à Tecnologia do Sebrae, Célio Cabral de Sousa Júnior, explicou a visão do Sistema sobre a temática. “Embora muitos acreditem que sustentabilidade é algo caro e possível apenas para grandes empresas, o Sebrae não pensa sem o papel ativo das PMEs. Há várias práticas que não requerem

conheceram exemplos de empresas que desenvolveram produtos ou adotaram práticas sustentáveis, gerando economia e ganhos sociais e ambientais.

No painel de abertura “Sustentabilidade como negócio”, o gerente da Unidade de Acesso à Inovação e

grandes investimentos e podem ser adotadas”, disse.

Chamada para incubadoras sociais

Na parte da tarde, ocorreu o painel de lançamento do Programa Aceleração Incubação de Impacto, fruto de uma parceria entre Anprotec, Sebrae e o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE). O anúncio foi feito pela superintendente executiva da Anprotec, Sheila Oliveira Pires. “É nosso papel apoiar as incubadoras na geração e no apoio a empreendimentos inovadores, sejam de base tecnológica, de desenvolvimento local ou setorial ou de outros tipos. Essa chamada destina-se a todas as incubadoras que, de alguma forma, tenham empreendimento de impacto em seu portfólio”, disse.

Programa Finep Startup é lançado

No segundo dia da 25ª Conferência Anprotec, novas parcerias e programas de incentivo ao empreendedorismo inovador foram anunciados. O presidente da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Luís Fernandes, lançou o programa Finep Startup, que tem por objetivo alavancar empresas em fase final de desenvolvimento do produto ou que precisem ganhar escala. Na sequência, a presidente da Anprotec, Francilene Garcia, recebeu uma carta de intenções do presidente do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), Luiz Otávio Pimentel, e assinou um acordo de cooperação com a presidente da Associação

Fórum Nacional de Gestores de Inovação e Transferência de Tecnologia (Fortec), Cristina Quintella.

De acordo com a presidente da Anprotec, a agenda de anúncios e lançamento foi positiva, especialmente em meio ao momento que o país atravessa. “Isso sinaliza que os ambientes de inovação são, juntamente com seus parceiros, uma alternativa para o desenvolvimento sustentável do país e menos vulnerável à crise. Outro



Presidente da Finep, Luís Fernandes, anunciou programa durante o evento

destaque é essa sinergia na atribuição de competências de cada parceiro, dentro das ações que começamos aqui”, afirmou Francilene.

Trabalhos apresentados nas sessões técnicas são avaliados em plenária



Destinadas a apresentação dos textos selecionados na Chamada de Trabalhos, as sessões interativas ocorreram na tarde do terceiro dia da 25ª Conferência Anprotec, divididas em sessões técnicas paralelas, pitch session e fórum interativo. No total, 29 artigos curtos, 41 artigos completos e oito boas práticas de empresas foram apresentados. A Chamada de Trabalhos selecionou as melhores produções em agosto de 2015.

Com o maior número de trabalhos inscritos, as sessões técnicas paralelas aconteceram simultaneamente em seis salas diferentes. Os autores dos artigos completos trataram de questões como instrumentos de modelagem, avaliação e planejamento para incubadoras, gestão de propriedade intelectual, personalidade jurídica de parques tecnológicos e educação empreendedora.

Já na pitch session os artigos curtos abordaram questões como instru-

Autores dos melhores trabalhos apresentados receberam certificados



mentos e modelos de planejamento e avaliação para parques tecnológicos e incubadoras de empresas, educação empreendedora e o papel dos habitats de inovação no processo de desenvolvimento local e regional. No Fórum Interativo houve a apresentação de boas práticas, que passaram por temas como criatividade, sustentabilidade, proteção ambiental, gestão e governança.

“Nesta edição, selecionamos um número um pouco menor em relação aos anos anteriores, mas a qualidade dos trabalhos estava muito superior”, explicou o presidente do

Comitê Científico, Paulo Tadeu Arantes. Arantes foi o moderador da Sessão Plenária 4, no dia 22 de outubro, atividade em que os moderadores das sessões técnicas paralelas apresentaram e discutiram os principais destaques dos trabalhos exibidos no dia anterior.

Durante a sessão plenária, também foram anunciados os autores dos melhores trabalhos: Clarissa Teixeira, Maria Clara Scacchetti e Paulo Sidney Silva – respectivamente, os autores principais das categorias Artigo Completo, Artigo Curto e Boas Práticas de Empresa.

Economia solidária é tema de mesa-redonda

A mesa-redonda da 25ª Conferência Anprotec, que aconteceu no dia 20 de outubro, teve como tema a economia solidária. Na primeira parte da atividade, o chefe de Gabinete da Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego (Senaes/MTE), Benedito Anselmo de Oliveira, apresentou o conceito e um panorama do setor no Brasil. “São compreendidas por economia solidária as formas de organização econômica — produção, comercialização, finanças e consumo — que têm por base o trabalho associado, a autogestão, a propriedade coletiva dos meios de produção, a cooperação e a solidariedade. Cooperação como força política e solidariedade como força do valor”, explicou Oliveira.

Um dos integrantes da mesa, o coordenador geral da Incubadora

Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ITCP/UFRJ), Gonçalo Guimarães, alertou para a necessidade de integrar desenvolvimento econômico e social. “Convencionou-se, por muito tempo no

Brasil, que desenvolvimento é econômico e problema é social. As incubadoras têm o propósito comum de empoderar as comunidades em seus respectivos públicos-alvo”, afirmou.

Na segunda parte da mesa-redonda, foram apresentados casos de sucesso no segmento, vivenciados por incubadoras que trabalham com economia solidária nos estados de Mato Grosso, Rio de Janeiro, Ceará, São



Fotos Márcio Oliveira

Coordenador da ITCP/UFRJ chama atenção para o conceito difundido no Brasil

Paulo e Pernambuco. O presidente da Arca Multincubadora e também coordenador da mesa-redonda, Wilson Luconi, avaliou as discussões como positivas. “O momento foi proveitoso para compartilhar experiências de diversas localidades do país, além de conferir visibilidade à economia solidária”, sintetizou.

* Com informações de Tais Ueta

PROJETO DE COOPERAÇÃO COM UNIÃO EUROPEIA PROMOVEU ATIVIDADES

De 19 a 21 de outubro, durante a programação da 25ª Conferência Anprotec, foram realizadas diversas atividades do programa European and Latin American Business Services and Innovation Network (ELAN) no Brasil.

Financiado pela União Europeia (UE), o ELAN busca aumentar e diversificar a presença econômica da UE na América Latina, fomentando a transferência de conhecimento e a inovação. Nos três dias de programação em Cuiabá, temas relacionados a energias renováveis, tecnologias ambientais e tecnologias da informação e comunicação (TIC) foram abordados em uma série de atividades.

A agenda iniciou com a apresentação da Rede ELAN, seus objetivos e oportunidades. Foram realizados workshops, sessões, rodadas de negócios e reunião, gratuitamente. O evento não ficou limitado apenas ao Brasil. Durante outubro e novembro, sete países da América Latina tiveram a oportunidade de receber as atividades do programa.



Conferência Anprotec recebeu as atividades do ELAN no Brasil

Balanço do evento indica fortalecimento



Representantes da organização local passaram a bandeira da Anprotec aos organizadores da 26ª Conferência, que será realizada em Fortaleza (CE)

No último dia do evento, foi realizada a sessão de encerramento da 25ª Conferência Anprotec, que reuniu representantes de Anprotec, Sebrae, Arca Multincubadora, Universidade Federal de Mato Grosso e Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação. Realizadores e organizadores locais comemoraram o sucesso do evento, que contabilizou 668 participantes, de 25 unidades da Federação e 17 países.

A presidente da Anprotec, Francilene Garcia, fez um balanço do evento, destacando a diversidade da programação e os importantes anúncios e lançamentos feitos durante a Conferência. “Foram dias intensos e é com satisfação que encerramos

este evento, na certeza de que tudo que aqui foi discutido e consolidado fortalece nosso movimento e nos dá energia para superar os desafios que se apresentam”, afirmou.

A representante do Sebrae, Maria de Lourdes da Silva, também ressaltou a troca de experiências e conhecimento. “Foram momentos importantes de reflexão. Recebemos muita informação e conhecimento, além da oportunidade de conversar com pessoas de todo o país que vivenciam o empreendedorismo e a inovação no dia a dia”, disse.

O secretário adjunto da Seciteci, Elias de Andrade, agradeceu a Anprotec e Sebrae pela confiança na organização local do evento. “Podem estar certos de que estaremos pre-

sentes nas próximas Conferências da Anprotec, com notícias concretas da implantação de nosso parque tecnológico, um compromisso aqui assumido por nosso governador”, disse.

O vice-reitor da Universidade Federal de Mato Grosso, João Carlos Maia, comentou o legado ao estado deixado pelo evento. “Fizemos questão de trabalhar por este evento porque percebíamos que seria uma excelente oportunidade de capitalizar conhecimento”, destacou.

Ao final da sessão de encerramento, os representantes da organização local em Cuiabá passaram a bandeira da Anprotec à equipe organizadora da 26ª Conferência, que será realizada em Fortaleza (CE), entre os dias 17 e 21 de outubro de 2015.

Unindo esforços

Comunidade científica e políticos se unem para derrubar os oito vetos da presidente Dilma Rousseff ao novo marco legal de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I). Texto aprovado pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, em 2015, é resultado de um longo debate entre sociedade civil, parlamentares e governo federal. Entidades pedem a rejeição dos vetos pelo Legislativo para garantir os avanços ao Sistema Nacional de CT&I.

A comunidade científica e as entidades ligadas ao movimento do empreendedorismo inovador brasileiro receberam com apreensão a notícia dos oito vetos da presidente Dilma Rousseff ao novo marco legal de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) – que resultou na Lei nº 13.243/2016. Sancionada pela presidente da República em janeiro de 2016, a lei é resultado de um diálogo democrático e aberto entre sociedade civil,

Congresso Nacional e governo federal, iniciado ainda em 2011. A reivindicação do setor é que o texto aprovado pelo Legislativo em 2015 seja mantido para garantir os avanços ao Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (SNCTI).

As entidades representativas do setor se surpreenderam, principalmente, pelo fato de o governo federal ter acompanhado todo o debate e ter concordado, à época das votações, com o texto final aprovado por unanimidade tanto pela Câmara quanto pelo Senado. Agora esses atores se mobilizaram e, junto a políticos, criaram a Aliança para a CT&I, que em fevereiro iniciou ações para derrubar os vetos presidenciais no Congresso Nacional. Formado por representantes de 18 entidades – incluindo Anprotec, Fortec e Sebrae –, o grupo pretende sensibilizar a presidente Dilma Rousseff para liberar a bandeira do governo durante a votação, prevista para março. (Veja infográfico na página 22)

De acordo com o diretor técnico de arcabouço legal do Fórum Nacional de Gestores de Inovação e Transferência de Tecnologia (Fortec), Gesil Amarante, o governo federal cometeu um engano ao vetar esses oito artigos, porque ministérios e agentes do Executivo participaram dos debates e concordaram com o texto que tramitava no Congresso Nacional. Alguns dos artigos vetados davam



Confap/Divulgação

maior segurança jurídica a leis já vigentes. “Ao longo do tempo [de tramitação do Projeto de Lei], houve consultas constantes ao governo federal. Os ministérios da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Desenvolvimento, Indústria Comércio Exterior (MDIC) participaram da discussão”, explica.

As justificativas para os vetos se basearam, em sua maioria, no ajuste fiscal que o governo federal está realizando desde 2105 em decorrência da crise econômica.

Segurança jurídica

Quatro dos oito vetos da presidente da República ao novo marco legal dizem respeito à isenção fiscal concedida a bolsas de estímulo à inovação, de projetos específicos e de resi-

Representantes de entidades da Aliança para CT&I entregam carta a autoridades pedindo a derrubada dos vetos

Dilma sancionou marco legal de CT&I, mas vetou dispositivos com isenções tributárias



Ichiro Guerra/PR

TRAMITAÇÃO DE UM PROJETO DE LEI



dência médica, concedidas por Instituições de Ciência e Tecnologia (ICTs) públicas e privadas. As justificativas para os vetos são as mesmas, segundo o Executivo: “Os dispositivos ampliaram as isenções tributárias, inclusive de contribuição previdenciária, sem os contornos adequados para sua aplicação, o que poderia resultar em significativa perda de receitas, contrariando esforços necessários para o equilíbrio fiscal”.

Esses vetos foram os que causaram maior estranhamento à comunidade científica e às entidades representativas que acompanharam a tramitação do projeto de lei. Isso por que a legislação brasileira, na Lei nº 9.259, de 1995, já prevê a isenção fiscal em bolsas concedidas por ICTs. De acordo com Amarante, esses dispositivos foram incluídos no projeto atual para dar maior segurança jurídica a esse tipo de benefício. “No caso das bolsas, a impressão nítida é que houve uma perda de informação [por parte do governo federal]”, explica o diretor do Fortec.

Avanços legais

Além de inviabilizar dispositivos já previstos na legislação brasileira, a presidente da República vetou outros quatro artigos que previam avanços legais importantes para o SNCTI. Esses dispositivos, se aprovados, exigiriam um esforço de regulamentação por parte dos poderes Executivo e Legislativo. Um deles, por exemplo, garantia a isenção de impostos para importação de produtos direcionados para Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) em empresas. “É um grande erro o Brasil taxar empresas que fazem P&D. [Essa medida] não representa uma perda tributária significativa para o governo federal”, afirma Amarante.

Outro avanço previsto no texto aprovado pelo Legislativo era a desburocratização da cobrança de taxa de administração por parte das fundações de apoio. Com o veto, esses instrumentos continuarão atuando de for-

ma juridicamente insegura. De acordo com o diretor do Fortec, esse impedimento prejudicará universidades, parques, incubadoras e empresas parceiras das fundações. As taxas de administração agilizam e facilitam o trabalho das fundações de apoio e facilitam também a atuação das ICTs, que dependem delas para executar seus projetos”, explica.

A presidente Dilma Rousseff também vetou o artigo que viabilizava o uso do poder de compra do governo para incentivar a inovação. Com esse dispositivo, o poder público dispensaria a realização de licitação nas contratações de microempresas e de empresas de pequeno e médio porte para prestação de serviços ou fornecimento de produtos inovadores. Com o veto, as licitações do poder público continuarão vigorando pelo princípio do menor preço.

O último artigo vetado pela presidente garantia uma autonomia gerencial, orçamentária e financeira a ICTs públicas. Para Amarante, ao vetar esse dispositivo o governo perde a oportunidade de facilitar e modernizar a gestão dessas instituições. “São



Divulgação

entidades que têm um papel importantíssimo na resposta a problemas atuais e que necessitam de agilidade, como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)”, argumenta Amarante em sua análise.

Diante desse cenário, a intenção da Aliança para CT&I, formada para mobilizar parlamentares a rejeitarem os vetos, é retomar o trabalho que vem sendo realizado desde 2011, quando começaram as primeiras mobilizações e discussões em torno do marco legal de CT&I. Assim, há uma esperança para garantir os avanços que o país precisa para desenvolver e consolidar seu SNCTI. **L**

Amarante, do Fortec: vetos mantêm insegurança jurídica e burocratização das fundações de apoio

LEGISLAÇÃO

Todas as medidas referentes ao chamado Código Nacional de CT&I foram aprovadas:

- ✓ **EC/2015 (PEC da Inovação):** a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 290, de 2013, foi aprovada em 2015 e incorpora o tema “inovação” ao texto da Constituição Federal.
- ✓ **Lei 12.863/13 (Lei das Fundações de Apoio):** iniciativa do Executivo por meio da Medida Provisória 614/2013, que foi aprovada pelo Congresso Nacional.
- ✓ **Lei 13.123/2015 (Lei da Biodiversidade):** aprovada em 2015, mas ainda precisa ser regulamentada. Dispõe, entre outros assuntos, sobre o acesso ao patrimônio genético.
- ✓ **Lei 13.243/2016 (Novo Marco Legal de CT&I):** o PL 2177/2011 foi aprovado na Câmara em julho de 2015 e tramitou no Senado como PLC 77/2015. O projeto aprimora e atualiza a Lei de Inovação (10.973/2004) e altera dispositivos da Lei de Licitações (8.666/93). Foi sancionado pela presidente Dilma em janeiro de 2016, mas teve oito artigos vetados, que serão analisados pelo Congresso Nacional.

Incentivo dos grandes

No âmbito do Programa de Promoção da Economia Criativa, startups brasileiras recebem recursos financeiros, mentorias e capacitações de time de especialistas disponibilizados pela multinacional Samsung, enquanto aprendem o modelo de inovação sul-coreano. Parcerias como essa, lideradas pela Anprotec, inspiram um novo jeito de inovar.

ANDRÉIA SEGANFREDO

Em fevereiro deste ano, oito startups brasileiras começaram a ser capacitadas no âmbito do Programa de Promoção da Economia Criativa, resultado de uma parceria entre a Anprotec, a Samsung e o Centro de Economia Criativa e Inovação de Daegu (CCEI-Daegu), da Coreia do Sul. Com a iniciativa, empreendedores passam a contar com a rede de apoio de incubadoras de empresas associadas à Anprotec e com a expertise de uma empresa multinacional reconhecida pela excelência em tecnologia da informação, além de aprender o modelo de inovação em economia criativa, que vem sendo difundido pelo governo sul-coreano nos últimos anos. “Tenho certeza de que esses empresários serão os grandes protagonistas da concretização dessa economia criativa, realizando no Brasil o sucesso que a Samsung realizou em nosso país”, afirmou o embaixador da Coreia do Sul, Jeong-gwan Lee, na abertura das atividades.

Durante três dias, empreendedores e representantes da Anprotec, da Samsung e das incubadoras selecionadas para o programa estiveram reunidos em São Paulo (SP) para o *bootcamp* que deu início às atividades de capacitação. O vice-presidente de Pesquisa e Desenvolvimento da Samsung, Rahul Park, reforçou o comprometimento da empresa com a inovação, que investiu US\$ 14,6 bilhões em P&D em 2013 e estabelece parcerias com universidades e centros de pesquisa. “Há cerca de um ano esse projeto estava longe de acontecer e começamos com a assinatura de um memorando de entendimento. Hoje, temos esse programa que representa também um compromisso da Samsung em investir em P&D no Brasil, pois ao apoiar empreendedores estamos ajudando o ecossistema de inovação do país”, afirmou.

O presidente da Anprotec, Jorge Audy, destacou a importância da aproximação de grandes empresas com empreendimen-

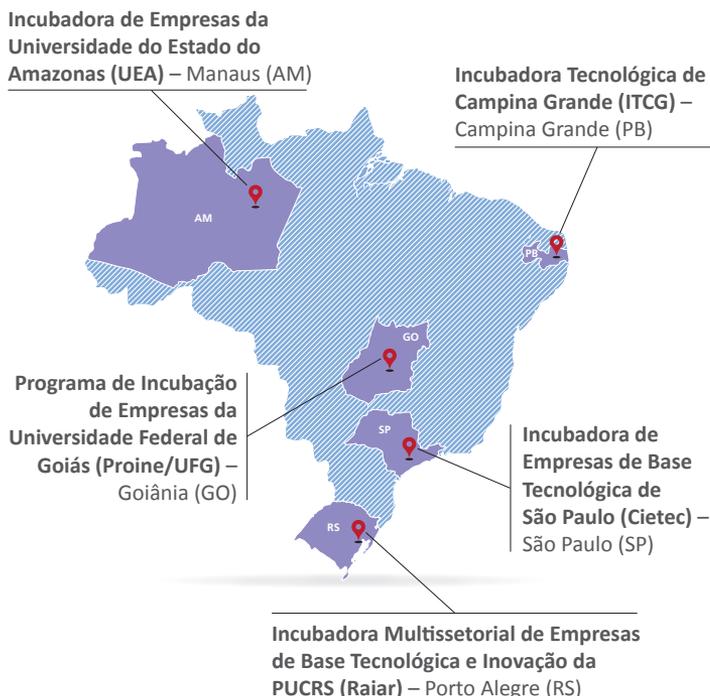


Divulgação

tos vinculados a parques tecnológicos e incubadoras. “Esse é o diferencial do programa, que se desenvolve no contexto da Lei de Informática, um dos instrumentos mais importantes dos últimos 15 anos para alicerçar o ecossistema de inovação no país”, disse. Na abertura das atividades, Audy agradeceu a confiança da Samsung e do governo sul-coreano no trabalho da

O vice-presidente de Pesquisa e Desenvolvimento da Samsung, Rahul Park; o embaixador da Coreia do Sul, Jeong-gwan Lee, e o presidente da Anprotec, Jorge Audy, compareceram ao *bootcamp* que deu início às atividades do Programa

INCUBADORAS SELECIONADAS PARA O PROGRAMA





Marcon, da Samsung: Programa cria oportunidades de parceria e de internacionalização

Anprotec para a condução do Programa no Brasil, e também incentivou os empreendedores e os gestores das incubadoras participantes a buscarem resultados expressivos.

No primeiro dia do evento, os representantes das incubadoras que integram o Programa apresentaram as áreas de atuação, os serviços oferecidos e os

principais setores incubados. Já os empreendedores das oito startups falaram sobre os projetos submetidos ao Programa e como pretendem desenvolvê-los nos próximos meses. Nos outros dois dias do evento, as startups passaram por atividades de capacitação e mentoria – com uma equipe especializada da Samsung –, que abordaram temas como economia criativa, design de produtos, marketing digital e tecnologias da empresa.

Próximos passos

Os projetos participantes receberão investimentos da ordem de R\$ 140 mil e suporte das incubadoras que integram o Programa. Nas incubadoras, as startups te-

rão acesso a infraestrutura física, orientação sobre metodologia de incubação e oportunidades de mentoria. Os projetos selecionados participarão, ainda, de capacitações focadas na criação de empreendimentos, inspiradas no modelo de cultura de economia criativa implantado na Coreia do Sul pelo CCEI Daegu. “Estamos presenciando a criação de um novo modelo. Muito mais do que um laboratório de empreendedorismo com avanços nos limites da legislação, estamos nos esforçando para consolidar esses ambientes, ecossistemas e políticas de inovação no nosso país por meio dessa parceria”, destacou Audy.

De acordo com o gerente de Pesquisa e Desenvolvimento da Samsung e responsável pela coordenação do Programa no Brasil, Antônio Marcon, é uma iniciativa importante em inovação aberta. “As empresas, especialmente as grandes, têm muitas vezes um esforço grande de pesquisa e desenvolvimento estabelecido, mas que é limitado”, afirma. Segundo Marcon, o Programa potencializa o acesso a tecnologias emergentes no Brasil. “Cria oportunidades de colaboração com empreendedores brasileiros e abre canais,

AS EMPRESAS PARTICIPANTES DO PROGRAMA

Nome	Área	Resumo do projeto
Mind the Graph	Educação digital	Plataforma online criada para facilitar o entendimento de artigos científicos por meio de resumos gráficos.
VR Monkey	Educação digital	A startup fornece produtos personalizados utilizando as mais recentes tecnologias de realidade virtual voltadas para a educação.
Sinapse Virtual	Educação digital	Plataforma online, de uso intuitivo, que ajuda professores de Ensino Fundamental e Infantil a identificar e avaliar crianças com dificuldades de aprendizado.
Optix Imagens Médicas	Saúde digital	Startup focada em soluções de telerradiologia. A principal solução é uma plataforma online que permite armazenamento, exibição e transmissão de imagens médicas.
Doutor Recomenda	Saúde digital	Plataforma multicanal que conecta médicos, pacientes e players da área da saúde com a missão de melhorar a adesão ao tratamento de doenças crônicas.
Dev Tecnologia	Internet das coisas	Startup que desenvolve soluções focadas em IoT, desde o desenvolvimento do dispositivo conectado até o software de aplicação em nuvem.
Reminds	Convergência	Aplicativo que permite aos usuários criarem as trilhas sonoras que fizeram parte de suas vidas.
OOBJ (Noov)	Pagamento móvel	Aplicativo que permite ao usuário consolidar e salvar suas notas fiscais por meio da plataforma Samsung Pay, com o objetivo de comparar preços, participar de promoções e diversos clubes de vantagens.

num primeiro momento, de distribuição com parcerias estabelecidas com a Samsung no Brasil e, num segundo momento, com parcerias eventualmente para internacionalização dessas empresas”, avalia.

Histórico

O Programa de Promoção da Economia Criativa é resultado de um memorando de intenções, assinado em abril de 2015 pelo presidente do CCEI, Sunil Kim; pela então presidente da Anprotec, Francilene Procópio Garcia, e pelo presidente da Samsung Electronics para a América Latina, Pedro Kim. A assinatura do documento foi um desdobramento de um acordo entre os governos brasileiro e sul-coreano e foi realizada no Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), com a participação do então ministro Aldo Rebelo e do ministro sul-coreano da pasta correlata, Choi Yanghee.



Por meio da parceria, a Anprotec se comprometeu a realizar treinamentos, articular políticas públicas e propagar conhecimento sobre economia criativa junto a seus associados e empresas inovadoras. A Samsung, por sua vez, atua como facilitadora da relação entre a Anprotec e o CCEI, identificando projetos aptos a participar do Programa. Em cinco anos, a empresa investirá US\$ 5 milhões no projeto. **L**

O presidente do CCEI, Sunil Kim; o presidente da Samsung para a América Latina, Pedro Kim; o ministro Aldo Rebelo, o ministro sul-coreano, Choi Yanghee, e a então presidente da Anprotec, Francilene Garcia, na assinatura do memorando

INOVAÇÃO ABERTA

Além da Samsung, outras empresas têm estabelecido parcerias com a Anprotec em programas de inovação aberta. Em 2014, a multinacional 3M lançou, em conjunto com a Associação e o Conselho Nacional de Secretários para Assuntos de Ciência, Tecnologia e Inovação (Consecti), a primeira chamada para o Innovation Day. Empresas vinculadas a parques tecnológicos e incubadoras de empresas associadas à Anprotec, com projetos desenvolvidos em áreas de interesse da multinacional, foram selecionadas para uma apresentação na sede da empresa, em Sumaré (SP). Em 2015, uma nova edição foi lançada. Os projetos foram apresentados em fevereiro deste ano e seguem para análise da 3M.

Também em 2015, a Natura e a Anprotec lançaram uma chamada para startups que pudessem auxiliar a multinacional brasileira na criação de novos projetos, processos e produtos inovadores nos segmentos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos. “Acreditamos na colaboração por meio de redes de inovação como estratégia para construir o futuro e nos aproximarmos de empresas com base tecnológica e startups, ampliando o alcance de nossas ações, com foco em crescimento e no desenvolvimento sustentável”, afirmou o vice-presidente de Inovação da Natura, Gerson Pinto, à época do lançamento do Programa.



Segunda edição do Innovation Day foi realizada em fevereiro de 2016

Inovação

Fotos: Augusto Felix



em destaque

Vencedores da 19ª edição do Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador contam sua trajetória e como alcançaram o sucesso. São empresas, incubadoras e parque tecnológico que por meio de suas ações, serviços e produtos, fortalecem o movimento.



Mão de obra empreendedora

PROJETO DE PROMOÇÃO DA CULTURA DO EMPREENDEDORISMO (CEI)

PRATI-DONADUZZI

Fotos: Divulgação



Rubia, gestora do projeto: premiação trouxe reconhecimento para Prati-Donaduzzi, motivando a empresa a trabalhar em mais projetos inovadores

“PROCURAMOS PROPOSTAS ROBUSTAS, COM UMA LINHA DE PENSAMENTO BASTANTE DINÂMICA E CAPACIDADE DE EXECUÇÃO, QUALIDADES QUE A GENTE TANTO PRECISA NAS INDÚSTRIAS”

O Inova Prati, programa da empresa paraense Prati-Donaduzzi, venceu o Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador na categoria Melhor Projeto de Promoção da Cultura do Empreendedorismo (CEI). O programa foi criado em 2013, quando o então presidente da empresa especializada em medicamentos genéricos, Luiz Donaduzzi, chamou atenção para a dificuldade de encontrar mão de obra qualificada e apta a trabalhar na indústria farmacêutica. Por isso, o Inova Prati foi criado com o objetivo de aproximar instituições de ensino e o setor produtivo, por meio do desenvolvimento de projetos de pesquisa inovadores.

O programa é direcionado a profissionais graduados, mestres e doutores que possuam uma proposta inovadora e que possam desenvolver, em médio prazo, uma solução para atender áreas negligenciadas da saúde. Para participar, o candidato precisa efetuar um cadastro no site do programa e enviar as propostas de produtos ou processos inovadores ligados à indústria farmacêutica. Depois de selecionados, os projetos passam a ser totalmente financiados pela Prati-Donaduzzi – desde o deslocamento e a estadia na cidade de Toledo (PR), até o material necessário para execução da pesquisa. Os pesquisadores apoiados pela empresa recebem também um salário que varia de acordo com a sua formação.

No processo seletivo do Inova Prati são analisados critérios como grau de inovação, coesão e complexidade da proposta, além do talento e da capacidade de execução do pesquisador. A seleção resulta num contrato de 24 meses com a Prati-Donaduzzi, que pode ser prorrogado, dependendo das condições de desenvolvimento do projeto e dos indicadores de performance apresentados. “Procuramos propostas robustas, com uma linha de pensamento bastante dinâmica e capacidade de execução, qualidades que a gente tanto precisa nas indústrias”, explica a gestora do projeto, Rubia Porsch.

Quando lançado, em 2013, o Inova Prati foi amplamente divulgado nas redes sociais e por instituições de ensino parceiras da Prati-Donaduzzi, como a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade de Campinas (Unicamp) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre outras. Essa ação, somada a um investimento relevante na divulgação do projeto, resultou no alcance de 17 mil pessoas de 41 países. Além disso, pessoas de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal acessaram alguma plataforma do programa. Por isso, a versão-piloto do Inova Prati contou com 150 projetos inscritos, dos quais 12 foram selecionados para apresentação a uma comissão julgadora, que elegeu os dois melhores.

Doenças negligenciadas

A Prati-Donaduzzi buscou, durante o processo seletivo, propostas que desenvolvessem produtos ou processos inovadores para tratamento de doenças negligenciadas pela indústria farmacêutica. Por isso, um dos pesquisadores aprovados pelo Inova Prati está desenvolvendo um medicamento para melhorar a qualidade de vida de pessoas que têm doença de Chagas. Segundo dados da organização Médicos Sem Fronteiras, a doença parasitária e endêmica está presente em 21 países da América Latina. A estimativas apontam que 99% das 6 milhões de pessoas infectadas nessa região não tiveram acesso a cuidados médicos e continuam sem diagnóstico e tratamento.



Fundada por dois farmacêuticos, Prati-Donaduzzi é a maior fornecedora de medicamentos genéricos para órgãos públicos no Brasil

De acordo com a gestora do Inova Prati, embora não apresente potencial de ganhos financeiros para a empresa, esse projeto representa uma iniciativa de extrema importância para o Brasil – onde estima-se que há mais de 2 milhões de pessoas infectadas pela doença – e faz parte da política de responsabilidade social da Prati-Donaduzzi. “O objetivo dessa pesquisa é fazer com que a população tenha mais acesso a essa medicação que está sendo desenvolvida”, afirma.

Ainda em fase de desenvolvimento, o processo para a obtenção do medicamento relacionado à doença de chagas é mais longo se comparado com o da outra pesquisa selecionada pelo Inova Prati. Este segundo projeto consiste no desenvolvimento de um produto com ação mais rápida para o alívio da dor e já está em estudo de estabilidade. Ao todo, a empresa de medicamentos já investiu R\$ 1,287 milhão no programa.

Para Rubia Porsch, o reconhecimento da iniciativa pelo Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador da Anprotec incentiva a empresa a apoiar ainda mais essa aproximação entre o setor produtivo e instituições de ensino. “Os colaboradores que atuaram no Inova Prati puderam ver o seu trabalho reconhecido não só internamente, mas também por parte da comunidade científica que se preocupa com o desenvolvimento da inovação no país. E isso motivou a empresa a continuar trabalhando ainda mais em projetos inovadores”, avalia.

Esse reconhecimento já gerou frutos. Rubia conta que a Prati-Donaduzzi está organizando uma nova edição do Inova Prati, mas com algumas mudanças. “[Na segunda edição do programa], a gente gostaria de receber propostas mais avançadas, já com alguns protótipos”, explica.

Pesquisa na história

A Prati-Donaduzzi está ligada à pesquisa desde seu início. A empresa foi fundada pelo casal de farmacêuticos Luiz e Carmen Donaduzzi poucos anos depois de concluírem um doutorado na França. Outros dois sócios, Celso Prati e Arno Donaduzzi, se juntaram ao casal para criar, em 1993, na cidade de Toledo, no oeste paranaense, a Prati-Donaduzzi. Na época, os sócios tiveram apoio da prefeitura e do governo do estado.

As atividades da empresa começaram com a produção de medicamentos para a área hospitalar. Após a aprovação da lei que permite a fabricação de medicamentos genéricos, em 1999, os dirigentes perceberam uma grande oportunidade e passaram a atuar na área. Hoje, a Prati-Donaduzzi é a maior fornecedora de medicamentos genéricos para órgãos públicos no Brasil, possui mais de 4 mil colaboradores, 370 representantes comerciais, 70 mil m² de área construída, 35.382 clientes no mercado farmacêutico e 933 no mercado hospitalar.

Outra ação da empresa ligada ao investimento em pesquisa e desenvolvimento (P&D) é a universidade corporativa Prati-Donaduzzi, que, por meio de parcerias com instituições de renome como USP e Unicamp, promove cursos de graduação e pós-graduação. Hoje, a empresa contabiliza 40 colaboradores em cursos de graduação da universidade corporativa, 38 em cursos de pós-graduação, oito cursando mestrado, 167 em cursos *in company* e 180 em cursos técnicos. O crescimento e os bons resultados da empresa, em pouco mais de 20 anos de história, mostram que investir em P&D vale a pena.



Investimentos em P&D também abarcam a qualificação dos colaboradores da empresa

PRATI-DONADUZZI EM NÚMEROS

Mais de
4 mil
colaboradores

35.382
clientes no mercado
farmacêutico

933
clientes no mercado
hospitalar

**Maior fornecedora de
medicamentos genéricos
para órgãos públicos**

Inovadores de ponta

EMPRESA INCUBADA (EI)

TNS
NANOTECNOLOGIA

Fotos Divulgação



Nunes, da TNS: estratégia de sucesso da empresa é oferecer soluções customizadas para cada cliente e investir em P&D



TNS ingressou na incubadora Celta, de Florianópolis (SC), após dois sócios serem contemplados no programa Sinapse da Inovação



TNS desenvolve soluções com nanopartículas de prata, que impedem a proliferação de bactérias

O ano de 2015 foi marcado por importantes conquistas para a TNS Nanotecnologia. A empresa quadruplicou o número de clientes, foi um dos 22 casos de sucesso em inovação selecionados em todo o Brasil para o livro “Inovação em Cadeias de Valor de Pequenas, Médias e Grandes Empresas”, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), e fechou o ano vencendo a categoria Melhor Empresa Incubada na 19ª edição do Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador. Mérito dos três sócios que transformaram pesquisas em um empreendimento altamente inovador.

Na TNS a pesquisa e o desenvolvimento de novas soluções para a indústria são parte da rotina. “Estamos sempre em busca de novos produtos e aplicações, que ocasionalmente geram publicações científicas. Isso nos permite levar soluções inéditas ao mercado e nos mantém como referência em nanotecnologia no país”, conta o engenheiro de materiais e diretor de operações Gabriel de Freitas Nunes.

Com uma equipe composta por 14 profissionais, dentre eles dois doutores, a TNS desenvolve constantemente projetos de pesquisa de novos produtos, muitos deles em parceria com universidades e clientes. “Temos a preocupação de fornecer soluções customizadas e que não sejam proibitivas em termos técnicos e econômicos. Por isso, temos uma relação estreita com a academia e a indústria, de forma a compartilhar os avanços que obtemos com todos”, explica Nunes.

Pequenas soluções

A empresa está instalada no Centro de Laboração para Tecnologias Avançadas (Celta), incubadora vinculada à Fundação Certi, de Florianópolis (SC). A TNS ingressou no programa de incubação depois que os outros dois sócios foram selecionados no Sinapse da Inovação, programa de incentivo ao empreendedorismo inovador que estimula a criação de novas empresas no estado de Santa Catarina. Para Nunes, isso aconteceu em um tempo em que nanotecnologia não parecia uma área factível no Brasil. “Era normal ouvir que atuávamos com ficção científica, mas hoje a nanotecnologia já está presente em nosso dia a dia”, afirma.

A TNS produz diferentes soluções contendo nanopartículas de prata, um elemento reconhecido por suas propriedades antimicrobianas, em escala nanométrica – de 1 a 100 nanômetros, cerca de 100 mil vezes menor que o diâmetro de um fio de cabelo. “A vantagem da nanotecnologia é que utilizamos uma pequena quantidade de matéria-prima para produzir centenas de quilos de produtos, oferecendo um imenso ganho para o meio ambiente em termos de economia de recursos naturais”, diz Nunes. Além de econômico, o método é produzido em sistema fechado, ou seja, sem resíduos ao meio ambiente. Dessa forma, não causa efeitos adversos como outras substâncias reconhecidas pelo seu potencial antimicrobiano, a exemplo do cloro.



TNS: reconhecimento no setor de nanotecnologia é resultado do trabalho de toda a equipe, focada no desenvolvimento de soluções

O resultado são soluções com aplicações bastante variadas, como embalagens de alimentos e tintas especiais para ambientes hospitalares ou utensílios domésticos, que impedem a proliferação de bactérias. Graças a soluções da TNS, estão disponíveis no mercado tecidos antidor, tintas e papéis de parede que jamais irão mofar e embalagens que preservam alimentos por mais tempo. “Temos mais de sete matérias-primas e com isso inibimos qualquer possibilidade de contaminação cruzada”, enfatiza Nunes. Assim, se a maçaneta de uma porta recebe a solução da TNS e depois é tocada por uma mão contaminada, essa maçaneta permanece limpa, sem chances de transmitir bactérias para outras pessoas.

Modelo de negócio

Atualmente, a TNS fornece soluções para os setores têxtil, cerâmico, médico-hospitalar e do agronegócio, também para indústrias de polímeros e tintas e, mais recentemente, de papel e celulose. Para conquistar setores tão diversos, a empresa desenvolve formulações em diferentes substratos (pó, resina) e solventes (água e álcool) e também aposta em soluções customizadas para cada cliente, com fórmulas distintas para produtos concorrentes. Com essa estratégia, em 2015 a TNS quadruplicou o número de clientes, que hoje passam de 35.

O modelo de negócio adotado pela empresa é baseado em uma plataforma de desenvolvimento conjunto: a TNS formula e desenvolve as soluções, mas a produção é terceirizada. Com isso, a incubada consegue manter um abastecimento escalonado para qualquer cliente – de pequeno, médio ou grande porte – com controle de qualidade e responsabilidade ambiental e social, contando com a certificação ISO 9001:2008.

Nos últimos anos, a TNS Nanotecnologia vem crescendo de forma exponencial e, para 2016, o cenário é extremamente animador devido, principalmente, a parcerias com empresas de grande porte. Uma delas é com um grupo de tintas, que aprovou tecnicamente as soluções da empresa para sua linha de madeiras em utensílios domésticos e deques, recém-lançada no Brasil e outros países da América Latina. Outra expectativa para este ano é o começo das vendas diretas para o mercado externo. “Hoje abastecemos todo o Brasil, parte da Europa e da América Latina, com exportação indireta. As exportações diretas começarão no segundo trimestre de 2016”, prevê Nunes.

Para essa trajetória de sucesso e resultados promissores, o diretor da TNS acrescenta que o ecossistema da incubadora Celta, incluindo todo o apoio e suporte oferecidos, foi essencial. Segundo Nunes, ganhar a premiação concedida pela Anprotec e pelo Sebrae valida o posicionamento da empresa no mercado. “Hoje, a TNS é referência em nanotecnologia no Brasil e isso ilustra o reconhecimento do trabalho de toda a nossa equipe”, afirma.

COM A PALAVRA, O GESTOR DA INCUBADORA

“A TNS conhece muito bem o que faz. Oferece soluções antimicrobianas para o setor industrial, com produção 100% nacional de diferentes aditivos, sendo referência nesse segmento e incentivando a cultura de inovação entre seus empreendedores, colaboradores e clientes. A TNS sempre teve um time de excelência, com tecnologia de ponta e parcerias técnico-comerciais voltadas para aplicações estratégicas na indústria.”

A empresa nasceu no programa Sinapse da Inovação e, ao ser aprovada para o processo de incubação, a equipe de gestão precisou se antecipar e pensar em várias questões, como networking, consultorias nas áreas de recursos humanos, marketing, financeira e jurídica. Nessa trajetória, os empreendedores receberam orientações de consultores que ficam à disposição da empresa e, com a conquista do prêmio, mostraram o valor de nosso trabalho.”



TONY CHIERIGHINI, diretor executivo da Incubadora Celta

Tratamento online

EMPRESA GRADUADA
(EG)

HI TECHNOLOGIES



Fotos Divulgação

Marcus, Sérgio e Carlos,
da Hi Technologies



Oxímetro desenvolvido pela
Hi Technologies assume
funções variadas de acordo
com o aplicativo instalado



Figueredo: apoio da
Intec-PR foi fundamental
para o sucesso da empresa

Vencedora do Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador na categoria Empresa Graduada, a Hi Technologies foi fundada em 2004 por cinco estudantes do curso de Engenharia da Computação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). “Nós percebemos um ponto fraco no mercado, que era a falta de conectividade e a necessidade de humanização nos equipamentos médicos. Achamos que era uma oportunidade de crescer”, conta o CEO da empresa, Marcus Figueredo. Foi assim que ele e os outros colegas se reuniram para criar um software de telemedicina, dando os primeiros passos para a criação da Hi Technologies.

Com vários semestres da faculdade pela frente e pouca experiência de mercado, os jovens empreendedores bateram à porta de diversos hospitais para apresentar o produto, um software que permitia monitorar informações do paciente em tempo real pela internet, mas foram rejeitados muitas vezes. “Passávamos nos testes de validação, mas como éramos muito jovens acabávamos não sendo qualificados como bons fornecedores. Isso segurou nossa entrada no mercado, mas depois disso amadurecemos muito”, conta Figueredo.

A história começou a mudar em 2008, quando foram aceitos no programa da Incubadora Tecnológica de Curitiba (Intec-PR), do Instituto de Tecnologia do Paraná (Tecpar). “Aprendemos a negociar contratos, tivemos contato direto com o mercado e enfim entendemos o que era ter uma empresa”, lembra o CEO. Dois anos depois, a Hi Technologies conseguiu fechar um contrato com um hospital e começou a colher os primeiros resultados de uma trajetória inovadora, recebendo diversos prêmios, incluindo o segundo lugar da região Sul no Prêmio Finep. Com a atuação consolidada no mercado de software, a empresa começou a focar na fabricação de equipamentos médicos. “Era isso o que a gente realmente queria”, afirma o CEO.

Do time de sócios que havia começado a Hi Technologies restaram apenas ele e Sérgio Renato Rogal Júnior, que atualmente ocupa o cargo de diretor de tecnologia (CTO). “Na época de estudante, não tínhamos noção do tempo necessário para maturar o negócio. Acho que nós dois permanecemos por que demoramos a perceber as dificuldades”, conta Figueredo aos risos. Anos mais tarde, juntou-se a eles o administrador Carlos Eduardo Chaves, que aceitou trabalhar gratuitamente na empresa para ganhar experiência profissional e hoje é o diretor de operações.

Negócio

A Hi Technologies desenvolve equipamentos médicos de alta tecnologia com o objetivo de conectar pacientes e profissionais de saúde de uma forma humanizada por meio da telemedicina. A empresa tem um único produto, o oxímetro Milli, que pode assumir funções variadas. “O Milli é uma plataforma que, de acordo com o aplicativo instalado, pode se tornar um novo produto para a saúde. Existem muitas formas de uso”, explica Figueredo. Com um design prático e bonito, o equipamento já rendeu prêmios de design à empresa e pode ser facilmente adaptado à necessidade dos clientes – mais de 100 hospitais em 22 estados do Brasil e em outros 15 países.

O software embarcado no Milli é o mesmo produzido pela empresa nos primeiros anos de incubação. “Nosso sistema se comunicava com equipamentos de terceiros,

mas sabíamos que tinha potencial para fornecer mais informações e oferecer melhor experiência para os usuários. Quando decidimos fabricar o nosso produto, muitos riram e disseram que não iria vender”, conta Figueredo.

Com a decisão tomada, a Hi Technologies começou a construir a própria fábrica, e os sócios tiveram uma postura ainda mais ousada: deixaram de vender o software para se dedicar integralmente ao desenvolvimento do Mili, que levou dois anos. “Gastamos muito para montar a fábrica e, no fim, havia recursos apenas para produzir uma unidade do equipamento”, lembra Figueredo. O primeiro oxímetro foi vendido em agosto de 2011, e o lucro foi reinvestido na produção de outras unidades.

A empresa atingiu o *break-even* em 2014, quando alcançou um faturamento anual de R\$ 1,6 milhão. A Hi Technologies apresenta um crescimento de 300% ao ano e tem projeção de se tornar a líder em produção e venda de oxímetros no mercado brasileiro até 2018. Atualmente, a Hi Technologies emprega 20 funcionários na sede em Curitiba (PR) e conta com uma rede de 70 pessoas que atuam de forma indireta em vendas e assistência técnica.

Vitrine de ideias

O suporte prestado pela Intec-PR foi essencial para a consolidação da Hi Technologies no mercado. “A Intec foi muito corajosa em nos aceitar. Eles acreditaram que, em algum momento, a nossa tecnologia iria fazer sentido e isso foi muito importante para a nossa empresa crescer”, reconhece Figueredo. O CEO da Hi Technologies acrescenta que a incubadora funcionou como uma vitrine tecnológica para a empresa, colocando-a ao alcance dos olhos atentos de investidores e *players* do mercado.

Outro aspecto decisivo durante a incubação foi o suporte prestado pela Intec para o desenvolvimento e produção dos equipamentos. “Lá dentro, tivemos um laboratório com certificações ISO, o que era algo raro de se ver”, aponta Figueredo. Mesmo após a construção da fábrica própria, certificada pela Anvisa, uma parte da produção continuou ocorrendo nas dependências da incubadora, até a graduação da Hi Technologies. “A Intec nos ajudou muito porque nos deu o tempo necessário para nossa graduação. Foi fundamental, principalmente pelo fato de atuarmos em um setor tão regulamentado”, afirma.

Para Figueredo, vencer o Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador, desta vez como Melhor Empresa Graduada, representa o fechamento de um ciclo. “Em 2010 ganhamos na categoria Empresa Incubada e, hoje, passados cinco anos, estamos no mercado brasileiro e no mundo. Isso significa muito para nós”, salienta. O CEO afirma que vencer o Prêmio mostra que valeu a pena a confiança que a PUC-PR e a Intec-PR depositaram na Hi Technologies. “Existe todo um simbolismo por esse prêmio ser concedido pela Anprotec e isso para nós é muito importante”, finaliza.

“A GENTE TEM UM PONTO DE VISTA SOBRE COMO OS EQUIPAMENTOS MÉDICOS DEVERIAM SER E TENTAMOS IMPRIMIR ESSE PONTO DE VISTA NO NOSSO PRODUTO. ESSE É O NOSSO DIFERENCIAL. FOCAMOS A HUMANIZAÇÃO, A CONECTIVIDADE COM A INTERNET, REDES SOCIAIS, A INTERAÇÃO. ADICIONAMOS VALORES QUE NA INDÚSTRIA MÉDICA NÃO SÃO TÃO IMPORTANTES”

COM A PALAVRA, O GESTOR DA INCUBADORA

“Logo que criaram a empresa, os empreendedores buscaram o apoio da Incubadora Tecnológica do Tecpar (Intec), quando eu era o diretor. Um dos diferenciais da empresa é a forma de patentear suas soluções, seguindo a estratégia norte-americana: cada componente usado nos produtos é patenteados. Além disso, eles têm escala para os produtos que desenvolveram e souberam aproveitar as oportunidades de mercado, criando equipamentos adequados a vários nichos na área da saúde.

Como eles estavam no processo de incubação residente, os empreendedores estavam mais próximos para ter o apoio da Intec. Eles vieram para desenvolver seu software e, tanto a empresa quanto seus empreendedores, ganharam maturidade para conquistar mercados em países como Estados Unidos, Alemanha e Israel – grandes polos mundiais de equipamentos médicos.”



JÚLIO FÉLIX, atual diretor-presidente do Tecpar, acompanhou a incubação da Hi Technologies

Incubação para a vida

INCUBADORA
DE EMPRESAS
ORIENTADA PARA O
DESENVOLVIMENTO
LOCAL E SETORIAL (DLS)

HABITAT

Vencedora da categoria Melhor Incubadora de Empresas Orientada para o Desenvolvimento Local e Setorial (DLS), do Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador de 2015, a Incubadora de Empresas de Base Tecnológica Habitat, de Belo Horizonte (MG), tem se consagrado como um lugar ideal para fomentar e a geração e a consolidação de negócios em ciências da vida. A incubadora tem sido fundamental no processo de transferência tecnológica entre universidades e centros de pesquisa para o mercado – quase 50% das empresas incubadas tem origem nesses ambientes ou têm pesquisadores como empreendedores – e têm colaborado para colocar Minas Gerais no mapa da biotecnologia no país. Em 2014, um levantamento realizado em parceria com o Sebrae identificou 105 empresas do setor no estado, que ficou atrás apenas de São Paulo e à frente do Rio de Janeiro.

Esta é a segunda vez em pouco mais de 10 anos que a incubadora, gerida pela Biominas Brasil, é contemplada com o Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador. Na primeira conquista, em 2004, a Habitat já era reconhecida pelo protagonismo na estruturação do Arranjo Produtivo Local de biotecnologia na Região Metropolitana de Belo Horizonte e vem, desde então, implantando melhorias em processos internos. “Nosso foco é continuarmos especializados nesse setor e preencher todos os elos da cadeia de desenvolvimento de novos negócios, desde a educação empreendedora até a parte de consolidação e expansão de empresas de sucesso”, afirma o coordenador da Habitat, Rafael Silva. Do total de 53 empreendimentos que já foram apoiados, cerca de 65% possui produtos ou serviços no mercado.

Qualificação da gestão

Com o objetivo de alcançar uma melhoria expressiva em seus resultados e padronizar processos internos dos ambientes de inovação mineiros, a Habitat foi uma das 12 incubadoras integrantes do grupo de discussões formado no âmbito da Rede Mineira de Inovação, que desenvolveu um modelo de gestão alinhado às diretrizes da metodologia do Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos (Cerne).

Depois do mapeamento das práticas e processos internos, iniciado em 2011, a incubadora aperfeiçoou seu modelo de gestão, obtendo excelentes resultados. Uma avaliação prévia, oferecida pela Anprotec no início de 2015, constatou que a Habitat possui todas as 33 práticas do Cerne 1 implementadas. Isso significa, entre outros benefícios, que todas as empresas incubadas estão inseridas em uma rotina de monitoramento e têm disponível uma série de cursos de qualificação e assessorias individuais, definidas de acordo com suas demandas.

“O Cerne foi um grande ganho porque ajudou a orientar esse processo de remodelação e nos auxiliou a ter unidade no programa de incubação”, destaca Silva. Processos que antes eram pouco estruturados, hoje possuem planos de ação específicos, enquanto outros que já estavam em um nível de maturidade avançado foram aperfeiçoados.

Habitat aprimora práticas e promove eventos para incentivar empreendedores

Fotos Divulgação





Incubadora Habitat, de Belo Horizonte (MG), é reconhecida pelo apoio a empreendimentos de biotecnologia

Serviços e infraestrutura

Há 18 anos, a Habitat apoia empreendedores inovadores para transformar tecnologias em soluções reais e criar novas oportunidades no setor de ciências da vida: saúde humana e animal, agronegócios, insumos, meio ambiente e *digital health*. Para isso, oferece um programa com diversas formas de suporte, como rede de contatos, planejamento orientado para o mercado, metodologia para o desenvolvimento do negócio, apoio à captação de recursos, além de uma infraestrutura ideal para atender aos aspectos regulatórios do setor.

As instalações da Habitat foram projetadas para receber adequadamente os incubados e para cumprir com as exigências sanitárias junto aos órgãos competentes. Além de um laboratório equipado – onde são realizadas pesquisas de análise de qualidade dos produtos e o desenvolvimento de novas soluções –, a incubadora disponibiliza também infraestrutura técnica compartilhada, com câmaras frias, central de esterilização, abrigo para resíduos e estação de tratamento de efluentes, que aceleram o processo de licenciamento das empresas. Dessa forma, os incubados na Habitat precisam licenciar apenas as áreas privativas, onde podem montar laboratórios em menor tempo e adquirir equipamentos gradualmente.

Essa facilidade é um dos atrativos para quem se instala na Habitat. “Além de ter acesso ao prédio cumprindo os requisitos necessários, recebemos muito apoio na questão regulatória e na estruturação do laboratório”, afirma Marcela Drummond, CEO da incubada Myleus Biotecnologia, que atua na identificação de espécies a partir de testes de DNA para verificar produtos de origem animal e vegetal. A empreendedora destaca também a participação em eventos e o contato com diversas instituições, que proporcionam visibilidade para as empresas e ajudam a criar uma rede de relacionamento. “Há também cursos, capacitações e acompanhamento de metas, que são fundamentais para a gestão estratégica do negócio”, enfatiza.

Essa assistência deverá em breve chegar a mais empresas. A Habitat está captando recursos para colocar em prática o projeto de expansão do espaço. O objetivo é dobrar a área construída, que hoje é de 3.000 m² em um terreno de aproximadamente 9.000 m². A ampliação prevê a construção de 21 novas salas de uso privativo, 10 salas de escritório, sete salas de reunião, um auditório e em espaço de convívio e café. As obras contribuirão para o aumento da capacidade de incubação e resolverão alguns gargalos na graduação de empresas, como explica o coordenador da Habitat, Rafael Silva. “O empreendedor tem dificuldade nesse momento, porque sai de um ambiente totalmente propício para o projeto e, na pós-incubação, tem que encontrar outro local com as mesmas condições”, pondera. Assim, a Habitat segue inovando e se remodelando, com o foco em desenvolver cada vez mais negócios de biotecnologia.



Habitat oferece infraestrutura e laboratório compartilhado, de acordo com normas do setor de biotecnologia

Empresas podem montar laboratórios próprios dentro da Habitat



Saúde para empreender

INCUBADORA DE EMPRESAS ORIENTADA PARA A GERAÇÃO E USO INTENSO DE TECNOLOGIAS (PIT)

SUPERA

Quando a equipe da Fundação Instituto Polo Avançado da Saúde (Fipase) inaugurou a Supera - Incubadora de Empresas de Base Tecnológica de Ribeirão Preto, não imaginou o sucesso que a iniciativa alcançaria em tão pouco tempo. Fundada em meados de 2003, em uma casa de cerca de 300 metros quadrados, a Supera hoje ocupa um espaço 10 vezes maior que o original e viabiliza a incubação e a pré-incubação de cerca de 40 empresas. “A ideia era que a gente tivesse uma primeira iniciativa de desenvolvimento, aproveitando as tecnologias geradas dentro do campus da USP [Universidade de São Paulo]”, resume o gerente de fomento e negócios da Fipase, Saulo de Souza Rodrigues.

Em 2014, a unificação com o então recém-inaugurado Supera - Parque de Inovação e Tecnologia trouxe bons resultados: a união da incubadora e do parque no mesmo local ampliou as possibilidades de parcerias entre as empresas e contribuiu para a sinergia entre os projetos desenvolvidos. O novo espaço, remodelado para atender as necessidades de uma incubadora, não passou despercebido pela comissão julgadora do Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador 2015, e o ambiente de inovação foi o vencedor na categoria Incubadora de Empresas Orientada para a Geração e Uso Intenso de Tecnologias (PIT).

Seguindo uma tendência cada vez mais forte, de deslocar os ambientes de inovação para além das grandes capitais, a Supera concentra suas operações no interior de São Paulo, onde disponibiliza serviços como secretaria, recepção, acesso à internet, sistema eletrônico de segurança, salas de reuniões, de treinamentos e biblioteca. A proximidade com o campus de Ribeirão Preto da USP, que concentra os Centros de Saúde da universidade, propicia um ambiente favorável à criação e ao fortalecimento de empresas de base tecnológica que desenvolvem soluções voltadas à saúde humana.

Empresas de sucesso

Muitas das empresas incubadas e graduadas da Supera estão ganhando destaque no mercado, como as premiadas Sensorial Sports e Kidopi. Fundada em 2015, a pré-incubada Sensorial Sports foi uma das finalistas do Prêmio Santander Universidades, classificada na categoria Empreendedorismo. A proposta da empresa é aplicar estudos em neurociências e ciências cognitivas para melhorar o desempenho e a qualidade de vida dos atletas. Para o fundador da Sensorial Sports, Milton Ávila, a incubadora tem auxiliado muito na preparação da empresa. “A Supera nos abre muitas portas, tanto por meio do auxílio para nossa estruturação quanto na relação que temos com o mercado. Eu me sinto, de certa forma, seguro estando incubado”, afirma.

Já a incubada Kidopi, que desenvolve sistemas para gestão hospitalar, informatização de clínicas e consultórios, regulação médica de urgência e emergência, imagens médicas e suporte a pesquisas acadêmicas, recebeu em 2015 um prêmio da Organização das Nações Unidas (ONU). O aplicativo CleverCare, desenvolvido pela empresa, foi eleito o melhor software de saúde do Brasil e recebeu o WSA (World Summit Award), premiação global que reconhece o melhor em conteúdo e aplicativos para celulares e dispositivos móveis.

Para que, a exemplo dessas empresas, outras incubadas também alcancem o sucesso, a Supera oferece continuamente orientações e capacitações, como eventos internos,

Ávila, da Sensorial Sports: incubadora auxilia na estruturação e na relação com o mercado



Fotos Divulgação



Incubadora Supera segue tendência de interiorização dos ambientes de inovação e de espaços compartilhados

palestras, workshops e participação nos mais importantes eventos nacionais e internacionais. Desde sua fundação, 138 empresas já foram atendidas e 23 foram graduadas.

Parcerias

Desde 2003, a USP é uma grande parceira da Supera. Além do espaço físico cedido ao parque tecnológico, a universidade serve como fonte de pesquisa, auxiliando a incubadora na orientação das empresas em aspectos relacionados a propriedade intelectual e patentes, via Agência USP de Inovação. Ainda no âmbito acadêmico, os alunos da USP contribuem, por meio das empresas juniores, apoiando institucionalmente a realização e a divulgação de projetos da incubadora.

Além da forte presença da USP, inúmeras parcerias foram firmadas ao longo da trajetória da incubadora, contribuindo para o desenvolvimento de projetos em conjunto. Um exemplo foi o Edital do Sebrae/Anprotec em 2011, que destinou recursos para a implantação do Cerne (Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos) nas incubadoras brasileiras. A Supera atuou como nucleadora, orientando as incubadoras dos municípios paulistas de Lins, Botucatu e São José do Rio Preto na implantação da metodologia.

No cenário internacional, a incubadora conta com 14 parcerias firmadas e integra a rede Land2Land – plataforma criada pela Anprotec e pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), que oferece suporte para a internacionalização de empreendimentos inovadores, viabilizando sua instalação em ambientes de inovação de outros países. A Supera também faz parte da RedEmprendia, rede iberoamericana de incubadoras de empresas universitárias que tem o objetivo de facilitar o intercâmbio de pesquisas e conhecimento, além de promover a criação de spin-offs nas universidades participantes.

Olhos para o futuro

Ciente da importância de fomentar a cultura empreendedor nos jovens, a incubadora criou em 2011 o Projeto Supera Educa, com ações voltadas para a comunidade científica e a sociedade em geral. Por meio do programa, são promovidos encontros e um seminário com alunos dos ensinos Fundamental, Médio e Superior, encorajando-os a desenvolver iniciativa, criatividade e responsabilidade. Em uma etapa posterior, os estudantes recebem consultorias e criam modelos de negócio. A ideia deu tão certo que o Colégio Marista, de Ribeirão Preto, inovou e criou uma nova etapa: os quatro melhores modelos são selecionados para ingressar em uma incubadora mirim, da própria instituição.

Além dos projetos e parcerias, considerados essenciais para a trajetória de sucesso da incubadora, a Supera busca diversificar suas fontes de receita e “cada vez mais prestar o melhor serviço para os incubados”, como destaca o gerente Saulo de Souza Rodrigues. Para manter a eficiência da assistência prestada frente ao crescente número de projetos apoiados, a incubadora conta com uma equipe que oferece consultorias individualizadas aos empreendedores. É assim que começa a trajetória de sucesso de muitas empresas, que trilham o caminho da inovação com a ajuda da Supera.



Localizada em Ribeirão Preto, Supera se beneficia de parcerias e da proximidade com o campus da USP

Rodrigues, gerente da Supera: meta é cada vez mais prestar o melhor serviço para os incubados



Protagonista do futuro

PARQUE CIENTÍFICO
E TECNOLÓGICO

PORTO DIGITAL

O Porto Digital conquistou, pela terceira vez, o Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador na categoria Parque Científico e Tecnológico. A premiação foi recebida como um presente pelo polo de tecnologia pernambucano, que completou 15 anos em 2015. Reconhecido por sua territorialidade singular e irreverência, o Porto Digital é um parque urbano instalado no centro histórico do Bairro do Recife e ampliado para localidades vizinhas, totalizando uma área de mais de 149 hectares. A região da capital, antes degradada e de pouca importância para a economia local, vem sendo requalificada em termos urbanísticos, imobiliários e de recuperação do patrimônio histórico edificado.

Desde a fundação do parque, em 21 de julho de 2000, já foram restaurados mais de 50 mil metros quadrados de imóveis históricos. O sucesso da iniciativa é resultado de uma ação coordenada entre governo, academia e empresas, que tem atraído empreendimentos de vários portes: startups, micro e pequenas empresas e também grandes corporações, como as multinacionais IBM e Accenture. Com um modelo híbrido de promoção do empreendedorismo inovador, que envolve incubação e aceleração de startups, o parque atua principalmente nas áreas de software, Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), economia criativa, games, multimídia, cine-vídeo-animação, música, fotografia e design.

Nesses 15 anos, o polo de tecnologia se consolidou como um dos mais revolucionários projetos de incentivo ao empreendedorismo inovador do país. Os números não deixam dúvidas: o Porto Digital possui 260 empresas, que geram 8 mil empregos e faturam por ano R\$ 1,3 bilhão. “Nesse período, passamos por várias fases, que vão da consolidação do parque tecnológico como referência em TIC ao nosso momento mais recente, no qual buscamos o protagonismo em tendências como economia criativa, incubação e aceleração de startups”, explica o diretor de inovação do parque, Guilherme Calheiros.

Para Calheiros, o Prêmio reconhece a trajetória de sucesso do polo de tecnologia. “Receber pela terceira vez o título de melhor parque tecnológico do Brasil é o reconhecimento de um trabalho que começou há 15 anos, quando o Porto Digital foi concebido como um ambiente de inovação tecnológica diferenciado, por suas características essencialmente urbanas”, afirma.

Interiorização

Em 2015, o Porto Digital iniciou seu processo de interiorização e inaugurou, em Caruaru, no Agreste Pernambucano, o Armazém da Criatividade. O complexo possui 1,8 mil metros quadrados de área e também é destinado ao empreendedorismo e à inovação. Composto por laboratórios, salas de treinamento, incubadora, showroom e coworking, o Armazém atua de forma articulada com unidades de ensino, ciência e tecnologia e com polos produtivos já estabelecidos na região, reconhecida pela concentração de indústrias do setor têxtil.

Os projetos desenvolvidos no Armazém da Criatividade são direcionados a jovens egressos do ensino superior ou técnico à procura de novas oportunidades para empreender e inovar, além de empreendedores já estabelecidos que perce-

Calheiros, do Porto Digital: parque busca protagonismo em áreas como economia criativa e aceleração de startups



Fotos Divulgação

RAIO-X DO PORTO DIGITAL Localizado em Recife (PE)**260**
empresas**8 mil**
empregos gerados**R\$ 1,3 bilhão**
de faturamento

Instalado no Bairro do Recife, o Porto Digital revitalizou área urbana e histórica

bam valor na inovação tecnológica. Em breve, o Porto Digital instalará uma nova unidade em Petrolina, no Sertão Nordestino, dando continuidade à interiorização de suas ações.

Futuro

O diretor-presidente do Porto Digital, Francisco Saboya, explica que o parque continuará, cada vez mais, buscando uma maior conexão com jovens empreendedores, além de reafirmar sua vocação de ambiente inovador e transformador da realidade local. “O nosso Laboratório de Objetos Urbanos Conectados (L.O.U.CO), por exemplo, é um espaço que vai permitir a prototipagem e a experimentação em internet das coisas”, afirma.

De acordo com Saboya, daqui a 10 anos estima-se que entre 70 e 200 bilhões de objetos estarão conectados entre si pela internet. “Imagine o impacto disso no comércio, na logística, na saúde e em muitas outras áreas. Temos a consciência de que o Porto Digital terá que ser, inevitavelmente, um dos protagonistas desse futuro”, enfatiza.

O laboratório será aberto, gratuito e focado em internet das coisas. Por meio dele, o Porto Digital realizará testes de soluções focadas no aumento do bem-estar nas cidades – utilizando sensores, atuadores, robótica, drones, relógios, óculos e tecidos inteligentes. A conquista do Prêmio Nacional em 2015 mostra que a Anprotec acredita na capacidade de execução e realização do polo de tecnologia, que está transformando a realidade socioeconômica do Recife, de Pernambuco e do Brasil.

Saboya, do Porto Digital: Parque busca reafirmar vocação como transformador da realidade local



Novos ares

Em meio à crise econômica e cortes no orçamento, o setor de CT&I começa o ano com o lançamento de novos editais de pesquisa e inovação e de programas de aceleração para obtenção de patentes no Brasil e no exterior. Medidas que prometem dar um novo fôlego ao setor, considerado estratégico para o desenvolvimento do país.

BIANCA BERTOLI E ANDRÉIA SEGANFREDO

O ano de 2015 encerrou com contingenciamento de recursos do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), deixando planos e programas com orçamento aquém do esperado. No entanto, 2016 começou com uma onda de novos incentivos e programas para estimular o setor. Além da sanção do Marco Legal de CT&I (veja mais na página 20) pela presidente Dilma Rousseff em janeiro, foram anunciados editais para apoio a pesquisa e inovação, além de programas para aceleração na obtenção de patentes (veja box na próxima página).

Em meio à comemoração pela aprovação do Marco Legal de CT&I, durante a cerimônia no Palácio do Planalto foi anunciado o lançamento da Chamada Universal CNPq/MCTI nº 1/2016, que destinará R\$ 200 milhões para apoiar projetos de pesquisa científica e tecnológica em qualquer área do conhecimento. Na solenidade, a presidente Dilma Rousseff disse esperar que esses recursos sejam muito bem aproveitados. “E que haja um aumento das atividades de pesquisa, com o engajamento de estudantes de graduação e pós-graduação no desenvolvimento de projetos e maior interação com o setor produtivo”, afirmou.

A chamada irá beneficiar projetos desenvolvidos em instituições de ensino superior ou institutos de pesquisa e desenvolvimento (P&D), públicos ou privados, sem fins lucrativos, além de projetos ligados a empresas públicas nas áreas de ciência, tecnologia e inovação. “A chamada é muito democrática, porque ela abre para qualquer tipo de pesquisa. Com um projeto bem montado, bem estruturado, a comissão aprova. Então, nesse sentido, é bom porque abre para novos pesquisadores”, avaliou o titular do MCTI, ministro Celso Pansera.

Incentivo à pesquisa

Os recursos disponibilizados para os projetos serão divididos nos níveis A, B e C, com valores de até R\$ 30 mil, R\$60 mil e

R\$ 120 mil. O edital também prevê a concessão de 1,5 mil bolsas de Iniciação Científica (IC) e outras mil bolsas de apoio técnico (AT), com duração de até três anos. Para o presidente do CNPq, Hernan Chaimovich,

o edital representa a democratização e extensão geográfica da excelência de cientistas, tecnólogos e industriais. “Amplia, portanto, a capacidade brasileira de contribuir científica e tecnologicamente para o desenvolvimento intelectual, social e econômico do país”, afirmou.

As propostas para a Chamada foram recebidas até o dia 26 de fevereiro e devem ser executadas em um prazo de 36 meses. O período entra em vigor no momento da contratação, que começa em agosto, um mês depois da divulgação dos projetos selecionados no Diário Oficial da União (DOU) e na página do CNPq na internet.

As propostas para acessar os recursos da Chamada Universal seguiram uma série de exigências. Tiveram que ser apresentadas pelo coordenador do projeto, obrigatoriamente com título de doutor e currículo cadastrado na Plataforma Lattes. Além disso, o coordenador precisou comprovar vínculo celetista ou estatutário com a instituição de execução do projeto ou, no caso de ser aposentado, evidenciar no Currículo Lattes a manutenção de atividades acadêmico-científicas na instituição de ensino e pesquisa. Por fim, foi necessário demonstrar que o proponente não possuía projeto vigente aprovado em Chamada Universal anterior.



Fotos Robson Moura

Para a presidenta Dilma, recursos da Chamada Universal vão propiciar maior interação com setor produtivo

Chaimovich, do CNPq: chamada amplia capacidade brasileira para desenvolvimento do país



Pansera, do MCTI: ministro ratificou destinação de recursos da Finep para projetos de inovação

Projetos inovadores

O dia da cerimônia no Palácio do Planalto também foi o momento escolhido pelo ministro Celso Pansera para ratificar a informação de que a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) terá à disposição em 2016 um total de R\$ 4 bilhões. O recurso, na mo-

dalidade crédito, será destinado ao apoio a projetos de inovação do setor privado brasileiro. Em meio à realidade de cortes e enxugamento de orçamento, a viabilização dos R\$ 4 bilhões foi obtida devido a um acordo entre o MCTI e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), dentro do Programa de Sustentação do Investimento (PSI).

O PSI, voltado ao crédito subsidiado para empresas, foi criado em 2009 com o objetivo de estimular a produção, aquisição e exportação de bens de capital e a inovação tecnológica. O programa é operado por meio de repasses do BNDES e passou, a partir de 2011, a ser utilizado também pela Financiadora. Com isso, a Finep recompõe a sua disponibilidade de recursos, tanto para novos projetos quanto para os já contratados, sinalizando esforços do governo em recuperar os investimentos em CT&I. 



Ascom/MCTI

INCENTIVO PARA PATENTES

Também no começo de 2016, dois importantes programas para acelerar a obtenção de patentes foram anunciados pelo governo federal: o Patent Prosecution Highway (PPH) e o Prioridade BR, ambos coordenados pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial, ligado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

O PPH prevê a cooperação entre escritórios de patentes do Brasil e dos Estados Unidos – o INPI e o United States Patent and Trademark Office (USPTO) – com o objetivo de melhorar a qualidade do exame e a eficiência do trâmite dos pedidos de patente. Empresas inovadoras, de qualquer setor, que já têm depósito ou pretendem depositar patente no INPI e também têm interesse em exportar para os EUA podem ter o exame de patente realizado de forma mais eficiente e ágil, se atenderem às condições do projeto.

Os pedidos de patente valem apenas para projetos de invenção e serão aceitos até o dia 10 de janeiro de 2018 ou até o limite de 150 pedidos de patente por escritório. Enquanto as empresas brasileiras podem submeter pedidos de qualquer setor ao USPTO, as empresas norte-americanas poderão submeter ao INPI apenas projetos de óleo e gás.

O PPH pode ser utilizado também com outras modalidades de exame prioritário de patentes, como o recém-lançado Prioridade BR. O objetivo desse programa é incentivar a introdução de produtos inovadores do Brasil no mercado mundial, com tecnologias protegidas por direitos de propriedade industrial. Nesse caso, empresas e inventores brasileiros que tenham feito o pedido inicial de sua patente no Brasil, mas também fizeram a solicitação no exterior, podem pedir exame prioritário sem restrições de data. Após a concessão da patente via Prioridade BR, caso o solicitante tenha interesse no mercado dos Estados Unidos e seu pedido atenda às condições do PPH, é possível pedir a priorização ao USPTO.



Arquitetura da inovação

Em busca de maior interação entre empreendedores e da otimização da infraestrutura, incubadoras de empresas têm remodelado seus espaços, seguindo o caminho de gigantes da inovação como Google e Facebook. São áreas de uso compartilhado, destinadas ao lazer e ao trabalho, que trazem descontração e sinergia aos ambientes inovadores.

ANDRÉIA SEGANFREDO

Desde que o Google, uma das empresas mais inovadoras do mundo, abriu suas portas e mostrou um ambiente de trabalho amplo, aberto e descontraído, diversas empresas e organizações dedicadas à inovação passaram a construir ou reformular espaços que promovessem a criatividade e a interação. Até mesmo empresas que atuam em segmentos mais tradicionais, como a prestadora de serviços financeiros American Express e a consultoria PricewaterhouseCoopers apostaram no uso compartilhado do espaço – uma tendência que não para de crescer, segundo dados da Associação Internacional de Gestão de Instalações (IFMA).

Entre as vantagens desse modelo, as organizações apontam a economia de espaço e de custos de instalação e o aumento da interação entre os usuários, reduzindo significativamente o envio de e-mails e agilizando tomadas de decisões. Por outro lado, estudos recentes sugerem a redução da produtividade, causada pelo barulho e pelas constantes interrupções que ocorrem em ambientes abertos, fruto da descontração levada ao extremo.

A solução encontrada tem sido mesclar os ambientes compartilhados com salas de

reuniões e espaços de convivência – locais concebidos para descanso e lazer, que podem ser desde salas de jogos e entretenimento a espaços de eventos e alimentação. A sede do Facebook, em Menlo Park, nos Estados Unidos, é reconhecida pela grande quantidade dos chamados “pontos de descompressão”, que incluem jardins, sorveteria e academia. No projeto da nova unidade do Google em North Bayshore, além dos espaços previstos para cafés e ciclovias, a estrutura será modular: as unidades de trabalho serão como blocos leves, que poderão ser facilmente movimentados conforme novas áreas de produto sejam criadas.

Em busca de um local que propicie tanto a geração de novas ideias como a pesquisa e o desenvolvimento de soluções, incubadoras de empresas e parques tecnológicos têm se inspirado na arquitetura de empresas e ambientes inovadores para readequarem suas instalações. “Avaliamos estudos sobre a eficácia de ambientes de trabalho abertos e fechados, e visitamos os dois modelos em vários países. Com isso, concluímos que era preciso ter os dois tipos de espaço na incubadora, para promover encontros e interação, mas também para

focar no desenvolvimento dos projetos”, conta o coordenador da incubadora MIDI Tecnológico, de Florianópolis (SC), Gabriel Sant’Ana Palma Santos.

Uso compartilhado

O MIDI Tecnológico ganhou novo endereço no começo de 2015. A incubadora migrou para a nova sede da Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (Acate), um moderno galpão de dois andares, onde também estão instaladas outras 14 empresas, além das in-

Sede do Facebook, na Califórnia, tem áreas de descompressão para descanso e lazer



Comunicação/Anprotec

cupadas. O prédio possui um lounge para coworking e uma arquibancada, além de 18 salas de reunião e auditório para 90 pessoas. Há também áreas para reuniões informais, com o objetivo de promover encontros e troca de ideias.

O espaço dedicado à pré-incubação é todo aberto e de uso compartilhado. Para poder utilizar a estrutura, é necessário apresentar uma proposta à incubadora. Caso aprovada, os empreendedores podem se instalar no espaço por um período de seis meses – nesse período, eles também recebem orientações da incubadora para ajudar o projeto a decolar. “Esse local é voltado para pessoas que ainda estão em fase de ideação, de criação de protótipo, de validação da ideia e do modelo de negócios”, explica Santos. Caso tenham sucesso nessa etapa, eles podem se candidatar posteriormente para o programa de incubação do MIDI.

O uso do espaço compartilhado exigiu um período de adaptação. “Ao lado temos uma copa onde muitas pessoas se reúnem. No começo, esse movimento atrapalhava quem estava na pré-incubação e, por isso, precisamos passar orientações ao demais”, afirma. Por outro lado, a infraestrutura e os serviços oferecidos trouxeram maior visibilidade às empresas instaladas na nova sede, que passaram a receber clientes, parceiros e fornecedores em salas de reunião com capacidade para até 12 pessoas. “Aqui ninguém paga metro quadrado de uma área que vai utilizar esporadicamente”, explica Santos.

Espaço e apoio

Abrigar potenciais incubadas também é o objetivo do espaço de coworking criado pela Incubadora de Negócios do Cecompi (Centro para Inovação e Competitividade do Cone Leste Paulista), que integra o Parque Tecnológico de São José dos Campos. “A ideia de criar esse espaço surgiu por que havia muitas pessoas com ideias de negócios procurando a incubadora, mas sem



Morgana Fortuna

disponibilidade de estar aqui todos os dias ou de bancar o aluguel de uma sala”, conta o coordenador da Incubadora de Negócios, Alexandre Bastos Barros.

Para utilizar o espaço, os candidatos à pré-residência passam por um processo seletivo aberto o ano inteiro, que inclui a apresentação do modelo de negócio e entrevista. Se aprovados, eles passam a usufruir não apenas do espaço de coworking, mas de toda a infraestrutura e dos serviços da incubadora, como salas de reuniões e treinamento. “Também monitoramos a evolução deles, mas com prazos menores em relação às incubadas e ferramentas específicas. A ideia de quem está no coworking é errar ou acertar, de uma forma rápida e barata”, avalia Barros. Os pré-residentes podem permanecer no espaço por um período que varia de seis meses a um ano.

MIDI Tecnológico migrou para nova sede, com espaço de coworking, salas de reunião, copa e auditório

No espaço de coworking, a Incubadora de Negócios do Cecompi recebe os projetos de pré-incubação



Divulgação



Pri Buhr/Munganga

Aceleradora Jump, do Porto Digital, foi criada com o conceito de coworking

Coworking para acelerar

Inaugurada em 2015, a aceleradora do Porto Digital, Jump Brasil, foi criada com o conceito de coworking. “Entendemos que esse modelo promove a interação, fazendo surgir novas ideias e negócios, e isso é fundamental para o ecossistema de empreendedorismo”, afirma o gerente de aceleração, Pedro Henrique Macedo Sampaio de Souza. A aceleradora possui um espaço de coworking com 24 estações de trabalho *plug and play* e outro ambiente de trabalho compartilhado para 10 empresas aceleradas, além de um auditório multiuso para eventos e duas salas para reuniões.

O acesso ao prédio da aceleradora é livre em qualquer horário e dia da semana, graças a um sistema de monitoramento e segurança, que conta com câmeras e fechaduras eletrônicas. As empresas selecionadas para o programa de aceleração da Jump Brasil utilizam gratuitamente o espaço compartilhado, en-

quanto os usuários do coworking precisam fazer uma reserva prévia e pagar uma taxa para usar o local. “As salas de reuniões e o auditório também podem ser alugados por pessoas que não estejam no coworking e na aceleração, porque nosso objetivo é estimular eventos

e a interação para fomentar o ecossistema local de empreendedorismo”, explica Souza.

Convivência

A criação dos chamados “pontos de convivência” foi a forma encontrada pela Raiar – Incubadora de Empresas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), de Porto Alegre (RS), para promover o convívio, a colaboração e a integração entre empreendedores e profissionais da incubadora. “A proposta era aproveitar espaços já existentes, criando locais com mobilidade e possibilidade de rápida reorganização do mobiliário, onde pudessem ser realizados diversos tipos de eventos”, explica o gerente da Raiar, Leandro Pompermaier. Assim, foram criadas três áreas, com um layout arrojado, descontraído e interativo, que podem ser utilizadas por todos os empreendedores incubados.

A área de convivência, localizada no piso térreo da incubadora, é um local de repouso e lazer, onde são realizados eventos de networking e confraternizações, como o “Café do Pé Direito”, que recebe palestrantes sobre temas de empreendedorismo e é voltado aos empreendedores incubados. O espaço de coworking, com 24 postos de trabalho e capacidade para até 50 pessoas, é utilizado pelos empreendedores mediante agendamento. No local também são realizadas as reuniões mensais e de boas-vindas aos incubados, além de workshops, capacitações e apresentações da Raiar para o público ex-

Espaço da incubadora Raiar foi remodelado, criando locais com mobilidade e rápida organização



Divulgação

terno. Muitas dessas atividades são realizadas na área de pré-incubação, totalmente remodelada para receber os participantes do programa Startup Garagem. Nesse espaço, os pré-incubados reúnem-se e recebem mentorias e capacitações.

Também no Rio Grande do Sul, a Incubadora Tecnológica da Univates – Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior, a Inovates criou uma área de convivência para seus empreendedores. Além de copa equipada, a área tem mesas para refeições e espaço para leitura, com acesso à internet. “Pensamos em um espaço bem informal, para momentos de descontração durante eventos e cursos, além de motivar os empreendedores a compartilharem ideias e atrair o público que nos visita”, afirma o gerente da Inovates, Rogério Antônio Kober. Todos os visitantes da incubadora passam pelo espaço, incluindo as turmas das disciplinas de empreendedorismo e de plano de negócio da Univates. “É uma forma de sensibilizarmos os alunos em relação ao trabalho desenvolvido pela incubadora, despertando o interesse pela inovação”, afirma Kober.

Foco na interação

O Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia (Cietec), da Universidade de São Paulo (USP), remodelou toda a parte destinada às empresas pré-incubadas. Antes dividido em módulos de 6 m², o espaço passou a abrigar 32 estações de trabalho, que somam 200 m² em um ambiente compartilhado. “Com a reforma, otimizamos a ocupação dessa área, pois passamos a receber mais projetos, já que nessa fase inicial os empreendedores não estão o tempo todo na incubadora”, explica o coordenador de marketing e comunicação do Cietec, José Aluizio Guimarães. Com a maior interação entre



Divulgação

os empreendedores, o desenvolvimento dos projetos e dos negócios também deslanchou.

Na incubadora, outro ambiente também foi remodelado para promover a integração. Chamado de “Vagão da Inovação”, o espaço multiuso pode ser utilizado como auditório de 30 lugares ou como local para realização de workshops, apresentações, showroom e atividades sociais. Os eventos abertos ao público são realizados nesse espaço, mas os empreendedores incubados podem reservar para atividades das próprias empresas. “Temos um conceito bem estruturado nessas mudanças, acompanhando a evolução dos espaços dedicados ao empreendedorismo, que promovem a maior interação entre os empreendedores. É uma virtude desse ecossistema de inovação”, afirma Guimarães. Virtude que vem sendo rapidamente construída pelos ambientes brasileiros, cada vez mais atentos às tendências globais do empreendedorismo inovador. 

Inovates criou área de convivência para receber eventos e estimular networking



Divulgação

No Cietec, coworking otimizou a utilização do espaço e acelerou os projetos

A Anprotec, em parceria com o Sebrae,
lança seu **programa educacional**

uni  **anprotec**

3 CARREIRAS FOCADAS EM GESTORES



Gestor público de
ambientes de inovação

Gestor de incubadoras
de empresas

Gestor de parques
tecnológicos

+ informações
[www.**anprotec**.org.br](http://www.anprotec.org.br)

Realização:



Apoio:





land2land

worldwide
softlanding
platform

Conheça o programa de suporte à internacionalização que aproxima empreendimentos inovadores e ambientes de inovação do Brasil e do mundo.

Acesse o portal e saiba como participar.

land2land.com.br

Realização:





Entre os dias 17 e 20 de outubro, Fortaleza (CE) sediará a **26ª Conferência Anprotec de Empreendedorismo e Ambientes de Inovação**, com o tema “Novos mecanismos e espaços de geração de empreendimentos inovadores”.

O evento terá organização local da Rede de Incubadoras do Ceará em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura Municipal.

Você não pode perder!

Realização

